



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**AS CLÁUSULAS PASSIVAS [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO CONSTRUCIONISTA  
A PARTIR DO GÊNERO HQs**

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio

Rio de Janeiro

2021

**RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO**

AS CLÁUSULAS PASSIVAS [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO CONSTRUCIONISTA  
A PARTIR DO GÊNERO HQs

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Profº Drº Roberto de Freitas Junior

RIO DE JANEIRO

2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Oc           Oliveira Dutra Marcílio, Rodrigo  
              AS CLÁUSULAS PASSIVAS [SN VAUX VPP ] e [(X)VAUX  
              VPP SN]]FOC NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM ESTUDO  
              CONSTRUCIONISTA A PARTIR DO GÊNERO HQs / Rodrigo  
              Oliveira Dutra Marcílio. -- Rio de Janeiro, 2021.  
              59 f.

              Orientador: Roberto de Freitas Júnior.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
              de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
              Inglês, 2021.

              1. Linguística. 2. Voz passiva. 3. Gênero HQs. I.  
              de Freitas Júnior, Roberto, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus, pois, sinceramente, em muitos momentos eu não sabia se eu seria capaz de conseguir entregar esta monografia e eu fui arrumando forças que eu não sabia que eu ainda tinha para continuar sendo produtivo durante este processo tão árduo.

Segundamente, eu tenho que agradecer aos meus pais, Marialda Oliveira e Fernando Dutra, por tudo que fizeram por mim desde o momento que eu nasci e por terem confiado em mim até quando eu mesmo não conseguia mais acreditar. Sei que nem sempre vivemos dias fáceis, mas sem vocês, essa graduação jamais teria sido possível. Sem o apoio incondicional e todo o amor que me foi dado durante todo o meu crescimento, não sei como eu teria vivido. Obrigado por tudo!

Não menos importante, devo citar a importância do apoio de toda a minha família para que esta graduação fosse alcançada. Desde o carinho das minhas avós, que não estão mais entre nós, até o amor de pessoas como a minha madrinha, Janete, o meu padrinho, Rubinho, a minha prima, Érica, o meu tio, Carlos, e todo mundo que me ajudou a trilhar este longo caminho rumo à graduação. Infelizmente, uma das pessoas que eu gostaria muito que fizesse a leitura desta monografia já não está mais conosco, a minha prima Aline Machado (*in memoriam*), que se formou em Letras (Português/Literaturas) na UFRJ em 2002. Espero que esta monografia possa vir a homenagear o legado dela como ser humano.

Durante a minha trajetória acadêmica, segui recebendo o carinho de pessoas muito especiais que eu já carregava de antes da UFRJ: os meus amigos. Então, essa monografia também é para vocês: Taísa Lopes, Gabrielle Gomes, Isabella Vitória, Lara Marques, Vitor Hugo Pinheiro. Quero agradecer pessoas que estiveram do meu lado quando eu decidi fazer Letras, como Ariene Amaral e Rayssa França, além dos nomes supracitados. O apoio de vocês rendeu este diploma!

A experiência de estudar Letras na UFRJ parecia bastante assustadora, mas, felizmente, desde a minha primeira aula na graduação até o meu último período, tive a sorte de ser acompanhado por professores incríveis que me ensinaram muito. O espaço da Universidade, que parecia tão hostil, foi uma grande oportunidade de desenvolvimento pra mim. Eu pude aprender com os meus próprios erros e aprimorar habilidades que se fizeram bastante necessárias neste percurso. Para todo o corpo docente da UFRJ, o meu “muito obrigado”.

Após uma experiência de pesquisa, eu vi que eu gostava de produzir ciência, mas estava inserido na área de atuação equivocada. Mas por eu já estar no 6º período, não tinha tanta fé de me tornar pesquisador novamente. Nos períodos finais da graduação, recebi um

*e-mail* informando que um professor que eu já conhecia um pouquinho estava buscando um aluno bolsista. Contudo, naquele momento, eu não precisava da bolsa, queria apenas a oportunidade de fazer ciência na área que eu mais amo: a linguística. E este docente foi o Roberto de Freitas, foi ele que me possibilitou esta nova chance dentro dos estudos acadêmicos, mas, desta vez, estudando por gostar e não por dinheiro. Essa monografia não teria saído sem o seu apoio incondicional, sua torcida, seus conselhos, toda a sua dedicação e sua motivação, Roberto! Muito obrigado! Além do meu orientador, gostaria de agradecer imensamente ao professor Dennis Castanheira, que auxiliou o desenvolvimento desta pesquisa desde o início. Além dele, preciso agradecer todo o envolvimento da professora Priscilla Mouta, que, além de ter contribuído imensamente para este trabalho, compôs a banca avaliadora desta monografia.

Neste momento, gostaria de agradecer a todos os amigos maravilhosos que a UFRJ colocou em minha vida. Com certeza, o apoio emocional destas pessoas incríveis tornou a experiência da graduação muito mais leve. Começando pela galera de inglês que entrou comigo, agradeço: a companhia de Sarah Rebello, minha primeira *player 2* na UFRJ; todo o companheirismo de meus amigos Ana Maria, Emily e Gabriel, que entre *Glórias e Cabelinhos*, renderam os melhores memes internos possíveis e que eu vou carregar para sempre no meu coração; a parceria de pessoas nos milhões de trabalhos da faculdade como Caio Korol, Eduarda Stéfany, Juliana Messias, Júlia Rocha, Marcele Mendanha, Meg Gomes, entre outros ícones que me ajudaram a não surtar com a UFRJ. Obviamente, tenho amizades valiosíssimas com pessoas de outras turmas, que também tornaram a UFRJ um espaço maravilhoso para mim. Agradeço a amizade de Sérgio e Ludmilla (adoro esse conjunto!), Rebeca Melo (minha versão feminina), Lucas Pessin (amizade maior que Gretchen e Viviane Araújo) e Liandra Marques (minha dupla do LTC).

E, finalmente, agradeço a mim mesmo por não ter desistido nem nos meus dias de maior fraqueza!

## RESUMO

Sob a égide da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015; CROFT, 2012), este trabalho objetiva analisar as cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> VPP ] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> a partir de um *corpus* constituído a partir de revistas do gênero Histórias em Quadrinhos (HQs). O referencial teórico deste trabalho foi constituído por importantes textos da Linguística Textual para a compreensão do (hiper)gênero HQs, tais como Ramos (2010), Menezes (2002), Postema (2018) e também por estudos acerca da voz passiva no Português do Brasil, como os de Furtado da Cunha (1989), Naro e Votre (1999), Mouta Marques (2012) e Freitas e Marques (2012). Assim, o presente trabalho emerge da convergência entre os pressupostos teóricos funcionalistas/construcionistas da LFCU acerca da voz passiva no PB e dos postulados da Linguística Textual para uma análise produtiva dos achados das orações passivas dentro do gênero textual HQs. Em suma, notou-se que, apesar do caráter de marcação da voz passiva, SV e VS, no gênero, as cláusulas passivas demonstraram funções comunicativas associadas ao gênero: (i) a de ‘explicação teórica no presente’ e (ii) a de ‘flashback’. Percebeu-se também que características observadas nos estudos funcionalistas e construcionais supracitados também parecem constituir a construção do sentido dessas orações no contexto das HQs, particularmente, a respeito da distribuição de informações com maior ou menor grau de focalização. Dessa forma, compreende-se que, no gênero HQ a voz passiva manifesta as características construcionais observadas em Freitas e Marques (2020), apresentando ainda funções aparentemente específicas associadas ao gênero em foco.

**Palavras-Chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Voz Passiva. Gênero HQ. Focalização.

## ABSTRACT

Under the aegis of Usage-based Functional Linguistics (UBFL) and Usage-Based Constructions Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015; CROFT, 2012), this work aims to analyze the clauses [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] and [(X) VAUX V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> from comic magazines. The theoretical framework of this work was constituted by important texts of Textual Linguistics for the understanding of the (hyper)genre Comics, such as Ramos (2010), Menezes (2002), Postema (2018) and also by studies about the passive voice in Brazilian Portuguese, such as those by Furtado da Cunha (1989), Naro and Votre (1999), Mouta Marques (2012) and Freitas and Marques (2012). Thus, the present work emerges from the convergence between the functionalist/constructionist theoretical assumptions of LFCU about the passive voice in Brazilian Portuguese and the claims of Textual Linguistics for a productive analysis of the findings of passive clauses within the comics genre. Overall, it was perceived that, despite the passive voice, the SV and VS order, being marked in comics, the passive clauses illustrated communicative functions associated with the genre: (I) that of “theoretical explanation in the present” and (II) that of “flashback”. It was also noticed that features observed in the functionalist and constructional studies mentioned above also seem to constitute the construction of meaning of these clauses in the context of comics, especially the distribution of information with a greater or lesser degree of focus. Therefore, it is understood that, in comics, the passive voice manifests the constructional aspects observed in Freitas and Marques (2020), also presenting functions apparently specific to the genre studied.

**Keywords:** Usage-based Functional Linguistics. Passive Voice. Comics. Focus.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Pressupostos teóricos.....	12
2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso.....	12
2.2. Conceitos importantes da Linguística Funcional Centrada no Uso.....	15
2.3. Marcação.....	17
2.4. Informatividade.....	19
2.5. Focalização.....	20
3. Mergulhando no universo dos quadrinhos.....	22
3.1 O (hiper)gênero dos quadrinhos.....	22
3.2 A linguagem dos quadrinhos.....	23
3.3 A figura central deste trabalho: a Turma da Mônica.....	25
4. Revisão da literatura.....	27
4.1 Introdução.....	27
4.2 Naro e Votre (1999).....	27
4.2 Mouta Marques (2012).....	28
4.3 Furtado da Cunha (1989).....	29
4.4 Freitas e Marques (2020).....	30
5. Objetivos e hipóteses.....	34
6. Metodologia.....	36
7. Análise dos dados.....	40
7.1. Comparação entre as ocorrências de [SN V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> ] e [(X) V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> SN]] <sub>FOC</sub> .....	40
7.2 A marcação das cláusulas [SN V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> ] e [(X) V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> SN]] <sub>FOC</sub> .....	41
7.3 A informatividade do SN nas cláusulas [SN V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> ] e [(X) V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> SN]] <sub>FOC</sub> .....	41
7.3.1. O status informacional do SN das cláusulas [SN V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> ]......	41
7.3.2. O status informacional do SN das cláusulas [(X) V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> SN]] <sub>FOC</sub> .....	42
7.4. O preenchimento dos <i>slots</i> das cláusulas [(X) V <sub>AUX</sub> V <sub>PP</sub> SN]] <sub>FOC</sub> .....	43
7.4.1. A anaforicidade dos termos que preencheram o <i>slot</i> (X).....	45
7.5. A análise dos contextos da voz passiva dentro das HQs.....	46
7.5.1. A presença de intertextualidade tipológica.....	47
7.5.2 O contexto mais produtivo em relação à voz passiva dentro das HQs.....	47
7.5.2.1. O subgrupo “explicação teórica no presente”.....	49
7.5.2.2 O subgrupo “ <i>flashback</i> ”.....	51
8. Considerações finais.....	53



9. Referências bibliográficas .....	57
-------------------------------------	----

## 1. Introdução

A partir dos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015; CROFT, 2012), este estudo tem como cerne as construções [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> no português do Brasil, tendo como base um *corpus* que foi composto a partir de revistas do gênero Histórias em Quadrinhos (HQs). Para a construção deste trabalho, dois âmbitos dos estudos linguísticos foram de grande importância. De um lado, tem-se aquilo que se conhece sobre os quadrinhos, como os estudos sobre a composição das HQs propostos por Ramos (2010), Menezes (2002), Postema (2018). De outro lado, tem-se os estudos anteriores acerca da voz passiva no português do Brasil, como aquilo que foi desenvolvido por Furtado da Cunha (1989), Naro e Votre (1999), Mouta Marques (2012) e Freitas e Marques (2012). Estas duas esferas vão ser utilizados para dar base ao desenvolvimento desta pesquisa, que intenta a realização de um estudo construcional acerca das cláusulas supracitadas e a relação destas com o gênero HQ.

Resumidamente, o estudo observou que apesar do caráter de marcação da voz passiva, SV e VS, no gênero HQ, cláusulas passivas parecem possuir funções comunicativas importantes associadas ao gênero: (i) a de ‘explicação teórica no presente’ e (ii) a de ‘*flashback*’. Ainda, observou que as características observadas nos estudos funcionalistas e construcionais acima citados também parecem constituir a construção do sentido dessas orações no contexto das HQs, particularmente, a respeito da distribuição de informações com maior ou menor grau de focalização. Dessa forma, entendemos que no gênero HQ a voz passiva manifesta as características construcionais observadas em Freitas e Marques (2020), apresentando ainda funções aparentemente específicas associadas ao gênero em foco.

A presente monografia, portanto, se desenvolve a partir da integração de pressupostos teóricos funcionalistas/construcionistas, que compõem a LFCU, acerca do uso da oração passiva no PB com pressupostos teóricos da Linguística do Texto, para uma descrição mais detalhada do uso de tais orações no gênero HQ,

No *capítulo 2* deste trabalho, os pressupostos teóricos da Linguística que deram a base para o desenvolvimento desta pesquisa serão elucidados. Na parte seguinte, o

*capítulo 3*, alguns aspectos do gênero HQ e da Turma da Mônica, grande protagonista do *corpus*, serão explicitados, considerando que este (hiper)gênero foi o responsável por gerar os dados desta pesquisa. Em seguida, no *capítulo 4*, realiza-se uma revisão da literatura com estudos importantes acerca das cláusulas passivas e de construções com sujeito posposto no Português do Brasil.

Com base nessas pesquisas, traçam-se, no *capítulo 5*, os objetivos e hipóteses para a fundação deste trabalho e como estes serão estruturados através de uma determinada metodologia, que é explicitada no *capítulo 6*. Finalmente, a partir desta base metodológica, o *capítulo 7* é dedicado à análise dos dados desta pesquisa, tanto os de base construcional, quanto aqueles que dizem respeito aos recursos textuais empregados nas revistas, configurando-se como um ponto de chegada deste trabalho. Em caráter conclusivo, tem-se o *capítulo 8* dedicado às considerações finais que resumem o que podemos constatar acerca desta pesquisa e o que esperamos que este trabalho deixe de legado para os estudos linguísticos

## 2. Pressupostos teóricos

Afim de fundamentar teoricamente as discussões que serão desenvolvidas nesta pesquisa, faz-se importante a exposição dos pressupostos teóricos que guiam a elaboração deste trabalho, desde a sua concepção até a análise dos resultados. Sendo assim, este capítulo tem como objetivo apresentar as linhas teóricas que pautam a pesquisa aqui desenvolvida e conceitos importantes para o desenvolvimento desta análise.

### 2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso

Com o objetivo de descrever a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tem-se esta seção do capítulo de fundamentação teórica, que será baseada, sobretudo, nos estudos de Cunha, Bispo e Silva (2013) e Pinheiro (2020).

O termo Linguística Funcional Centrada no Uso designa a união entre duas correntes de estudos que emergiram durante a década de 1970. De um lado, durante este período, tem-se a Linguística Funcional norte-americana, que propõe que o estudo do discurso e da gramática seja simultâneo, para que se possa compreender o funcionamento da língua. Nessa perspectiva, pesquisas desta corrente analisam a língua a partir de seu contexto e da situação extralinguística. Na visão da Linguística Funcional norte-americana, existe uma relação simbiótica entre o discurso e a gramática, com influência mútua entre estas duas entidades. Ou seja, a gramática não é vista como algo estanque, é entendida como “uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

De outro lado, na mesma década, surge a Linguística Cognitiva, que descreve a língua como reflexo das capacidades cognitivas (às quais retomaremos mais a frente), como a categorização, a analogia, a organização conceptual, aspectos de processamento (linguístico) e o papel da experiência humana para a formação da gramática. Esta corrente linguística define e descreve o que são as construções linguísticas, unidades básicas do conhecimento linguístico, de maneira cognitivamente semelhante à natureza conceptual de outras habilidades não linguísticas. Dentro da Linguística Cognitiva, da mesma forma que a categorização de objetos se dá através da experiência e do contato com o mundo, o emergir das construções linguísticas se dá a partir do contato com uma língua real e pela intermediação dos processos cognitivos de domínio geral, na formação das construções

linguísticas, por sua vez, pareamentos de forma-sentido formadores de uma gramática em rede.

Além de terem surgido na mesma época, a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva compartilham uma série de semelhanças. As duas correntes postulam, por exemplo:

“a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre e a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural”. (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14)

Estas características similares justificaram a união das duas correntes, o que explica a nomenclatura de Tomasello (1998) para esta fusão: “Linguística Cognitivo Funcional”. Nesta abordagem, princípios cognitivos e interacionais moldam as línguas, desempenhando um papel fundamental na mudança linguística, na aquisição e no uso, de uma gramática cuja unidade básica é a construção gramatical.

Na Linguística Funcional Centrada no Uso, uma vertente brasileira da Linguística Cognitivo Funcional, também existe a premissa básica de que a língua emerge a partir de seu próprio uso. Neste sentido, Bybee (2010, p. 2) postula que como a estrutura da língua é vista como algo emergente a partir de uma série de processos cognitivos fundamentais, e não algo desenvolvido à priori ou já estabelecido, a língua pode ser vista como um complexo sistema adaptativo<sup>1</sup>.

Estes processos cognitivos fundamentais mencionados anteriormente representam uma das bases da LFCU e, portanto, merecem ser mencionados aqui. Dentre estes princípios, tem-se, a categorização, que é definida como “a similaridade ou a identificação que ocorre quando palavras e sintagmas e seus componentes são reconhecidos e associados a representações armazenadas”<sup>2</sup> (BYBEE, 2010, p. 7). A partir deste processo, o sistema linguístico forma-se a partir de categorias como fonemas, morfemas, sintagmas ou construções. Neste sentido, este princípio está diretamente associado à caracterização mental dos conceitos vistos e experienciados pelo ser humano em seu ambiente sociocultural. Além da categorização, tem-se o princípio do encadeamento ou chunking. Bybee (2010, p. 7) define *chunking* como o processo pelo qual sequências de unidades se

---

<sup>1</sup> Tradução nossa

<sup>2</sup> Tradução nossa

juntam para formarem unidades mais complexas. Neste processo, sequências de palavras ou morfemas são armazenadas conjuntamente para que possam ser acessadas como uma única unidade<sup>3</sup>. Em português, são exemplos de *chunks* expressões como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, “marcar consulta”, “bom senso”, “efeito colateral”, “pré-fabricado” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 32). Ademais, tem-se outro princípio fundamental para a LFCU definido como analogia. Cunha, Bispo, Silva (*Op. cit.*) colocam que é através deste processo que novos enunciados são criados com base em outros previamente experienciados. Este princípio está relacionado com a categorização na medida que ocorrências anteriores devem ser categorizadas para a formação de novos enunciados e a percepção das semelhanças entre as estruturas. O grau de aceitabilidade de novos enunciados está diretamente relacionado à similaridade com sequências frequentes, convencionalizadas (*Op. cit.*). Vale ressaltar que, dentro do escopo da LFCU, existem outros princípios de grande importância, alguns deles serão retomados mais a frente neste trabalho.

Uma característica basilar da LFCU é a sua compreensão da língua como um sistema adaptativo, como mencionado anteriormente. Para explicar esta característica, Bybee (2010, p. 12) diz que a língua se pareceria mais com dunas de areia do que com uma estrutura planejada, o que permitiria que a língua(gem) mostrasse variação e gradação. Ademais, a LFCU coloca que a regularidade e a instabilidade linguística são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários em seu dia-a-dia. Neste contexto, alguns fatores são de grande importância para esta corrente linguística, tais como os efeitos da frequência de uso, a modelagem das estruturas linguísticas no contexto discursivo e as inferências pragmáticas que aparecem durante as interações com a língua.

Assim, no campo da LFCU, saber uma língua implica, fundamentalmente, “dominar um amplo repertório de unidades simbólicas – incluindo palavras, expressões fixas e padrões” (PINHEIRO, 2020, p. 14). Dentro desta corrente linguística, os padrões de uma língua são de grande importância, visto que são através deles que se dá a compreensão e a produção de (novos) enunciados. Vale ressaltar que estes padrões existem em todos os níveis comunicativos, desde os menores como os sons e as palavras, até unidades maiores, como os sintagmas e as orações.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa

A partir dessas ideias, cabe ressaltar como as pesquisas pautadas na Linguística Funcional Centrada no Uso geralmente são desempenhadas. Como Cunha, Bispo e Silva colocam, estes tipos de estudo geralmente se utilizam de “dados reais de fala e/ou escrita, inseridos em contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases criadas *ad hoc*, dissociadas de sua função no ato comunicativo”. (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 16).

Além disso, como mencionado anteriormente, a frequência de uso das construções linguísticas é entendida como um fator de análise, levando ao estabelecimento de determinadas formas em detrimento de outras no repertório de um determinado falante. Deste modo, de acordo com Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 17), a LFCU busca investigar processos relacionados à regularização de padrões construcionais no nível da proposição, tomando como base fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos, e do discurso multiproposicional. Valendo-se, para atingir este objetivo, de motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso desses padrões.

## 2.2. Conceitos importantes da Linguística Funcional Centrada no Uso

Dentro desta área de estudo, existem alguns conceitos-chave que baseiam as discussões que nela acontecem. Neste momento, os conceitos basilares que mais chamam a atenção para a construção deste trabalho serão discutidos brevemente. Para este fim, fez-se de grande importância a revisão da literatura feita por Cunha, Bispo e Silva (2013) acerca destes termos, baseando-se nas visões de grandes representantes da LFCU em relação a estes temas.

Sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, o termo “cognição” define o “processo neurorracional de construção humano a partir da interação do organismo com o meio”. (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 18). Tendo sido a grande contribuição da Linguística Cognitiva, para os estudos centrados no uso, a cognição refere-se às operações mentais do sistema conceitual, emergindo do contato do indivíduo com o ambiente físico e sociocultural.

Outro termo importante para a LFCU, é relevante para a definição de “linguagem”. O ponto de convergência entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Funcional norte-americana é de considerar que a linguagem está pautada em processos

cognitivos, socio-interacionais e culturais. Cunha, Bispo e Silva e Tomasello convergem que a linguagem é “um complexo mosaico de atividades cognitivas [...] e sociocomunicativas estreitamente integrado às demais áreas da psicologia humana”. (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 19).

Em seguida, tem-se a definição de “texto” para a LFCU, outro conceito basilar para esta corrente teórica. Nesta perspectiva, o texto é tratado como “o locus da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na/pela linguagem, constituindo-se um todo significativo” (op. cit.). A partir de Givón (1984), tem-se que o texto significa não apenas como a concatenação das proposições acontece, mas também as regras a que essas proposições se submetem, para que se tenha uma estrutura temática e coerência discursiva.

Todas as correntes linguísticas devem procurar trazer uma definição para o termo “gramática”. No caso da LFCU, tomando como base a posição de Cunha, Bispo e Silva (2013), gramática pode ser entendida como uma série de esquemas simbólicos e (micro)construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) utilizados na produção e organização do discurso coerente. Vale ressaltar que, ainda de acordo com esta corrente, o discurso e a gramática demonstrariam uma relação de simbiose, que explica a constante (re)formação e ratificação desses padrões funcionais regulares, indicando, ainda, prováveis processos de mudança linguística em uma gramática essencialmente emergente.

Uma construção gramatical, basicamente, como visto, é uma representação abstrata que une forma e função, parte do conhecimento de um falante sobre uma determinada língua. O uso da língua depende da seleção de itens lexicais e de construções (semi)esquemáticas armazenadas na gramática internalizada. Tais itens, baseado em Cunha, Bispo e Silva (2013), a despeito de suas informações de sentido, podem apresentar forma:

- a) inteiramente ou parcialmente esquemáticas, construções (semi)abertas, como as formadas por sujeito e predicado;
- b) em alguma medida, lexicalizadas produzindo as construções parcialmente especificadas, do tipo [quanto mais X, mais Y] e



c) totalmente idiomática, gerando as construções inteiramente especificadas, como “vai com Deus”. (FILLMORE, 1985; GOLDBERG, 1995; KAY; FILLMORE; 1999 *apud* Cunha, Bispo. Silva, 2013)

Os mesmos autores postulam que a LFCU, conforme verificamos na descrição acima, diferentemente da Linguística Gerativa, não prega a distinção rígida entre o léxico e a gramática. A Linguística Funcional Centrada no Uso crê que a diferença entre construções lexicais e gramaticais está apenas no seu grau de complexidade interna.

### 2.3. Marcação

A partir dos estudos da Linguística Funcional Centrada no uso, tem-se um princípio analítico de extrema relevância para a construção de hipóteses deste trabalho: a marcação. Segundo Givón (1984, p. 38), as raízes do conceito de marcação vão desde a antiguidade intelectual, mas o surgimento deste conceito na Linguística Estrutural está na Escola de Praga. Esta definição deveria ser um refinamento da ideia de “valor linguístico”, tradução do francês de “*valeur linguistique*”, em oposições binárias. Os estudiosos de Praga perceberam que distinções binárias na fonologia e na gramática eram geralmente assimétricas: um elemento do par contrastante como a *presença* da propriedade e outro como a *ausência* desta. Este tipo de descrição, que se demonstrava falha, levou à uma reflexão necessária da natureza hierárquica das estruturas linguísticas. (*Op. cit.*).

Para Givón (1984, p. 330), existem 3 critérios para distinguir uma categoria marcada de uma categoria não marcada:

- A) Complexidade estrutural – A categoria marcada é estruturalmente mais complexa do que a não marcada.
- B) Distribuição no discurso – A categoria marcada é menos frequente nos textos do que a categoria não marcada.
- C) Complexidade cognitiva – A categoria marcada é cognitivamente mais complexa do que a não marcada, exigindo mais esforço para o seu processamento.

Um ponto importante citado por Givón (1984) é que a marcação é um fenômeno diretamente ligado ao contexto, ou seja, uma mesma estrutura pode ser marcada em um

contexto e não marcada em outro. Para tanto, ele se utiliza de alguns exemplos da língua inglesa:

- i. **She** cut the meat with **a knife** (Ela cortou a carne com uma faca)
- ii. **A woman** cut the meat with **it** (**Uma mulher** cortou a carne com **isso**)

Os exemplos acima tratam da marcação e da não marcação de categorias de determinantes. Givón (1984, p.38) nos leva a questionar qual seria a categoria marcada e não marcada em relação ao uso dos artigos definidos ou indefinidos. E a resposta depende do contexto estrutural/comunicativo: na posição de sujeito da oração, os artigos indefinidos seriam marcados, e na posição de instrumento, os artigos definidos seriam a categoria marcada.

Da mesma forma, Givón (1984) traz exemplos em relação ao uso da voz passiva e voz ativa para provar a relação entre marcação e contexto. Ele se utiliza de três frases para tal objetivo:

- i. She wrote the book last year (Ela escreveu o livro ano passado)
- ii. The book was written last year (O livro foi escrito ano passado)
- iii. One writes books (all the time) (Alguém escreve livros (toda hora))

Givón questiona qual das três construções representaria a opção marcada e não marcada, a voz ativa ou a voz passiva. Mais uma vez, a resposta depende inteiramente do contexto. No contexto da comunicação oral do dia a dia, as construções passivas são marcadas. Contudo, no discurso acadêmico escrito, a voz ativa é a categoria marcada.

Ademais, o conceito de marcação não se aplica apenas às categorias linguísticas, ele pode servir para analisar os contextos linguísticos em que estas estão inseridas. Por exemplo, “a comunicação formal, escrita, acadêmica é o tipo de discurso marcado, enquanto a comunicação oral do dia a dia é a categoria não marcada”. (GIVON, 1984, p. 39).

Na concepção deste trabalho, há uma grande relação entre o princípio da marcação, o da informatividade e o da focalização – os dois últimos serão explicados nas próximas seções. A partir do aparato teórico desta pesquisa, acredita-se que as cláusulas passivas menos marcadas em nosso *corpus* apresentam informatividade predominantemente “dada”. Por outro lado, as orações mais marcadas que constituíram

nossos dados apresentariam caráter de focalização de informações predominantemente consideradas “novas”.

#### 2.4. Informatividade

Outro princípio de análise da Linguística Funcional Centrada no Uso e que se faz bastante importante para a constituição teórica deste trabalho é a informatividade. De acordo com Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 26), este princípio se refere ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham ou supõem que compartilham no momento da interação verbal. Do ponto de vista cognitivo, pragmático e interpessoal, as pessoas se comunicam entre si com o objetivo de informar alguma coisa acerca do mundo externo ou do mundo interior. A partir disso, o locutor, a pessoa que conta os acontecimentos, busca dosar o conteúdo informacional em função do conhecimento de seu interlocutor e se esforça para monitorar seu ponto de vista, visando atingir a compreensão.

A visão de Chafe (1987) reforça o conceito de informatividade acerca da interpretação supracitada. O autor trabalha com o conceito de “fluxo de informação” em seu artigo, tratando dos aspectos cognitivos da recepção e da transmissão de um determinado conteúdo. Na visão deste autor, “o fluxo de informação relaciona-se, sobretudo, ao modo como o falante organiza o conteúdo no discurso, levando em conta o grau de acessibilidade do interlocutor à informação veiculada” (CHAFE, 1987 *apud* CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 27). Em sua teoria, o autor demonstra, através da análise de discursos orais, a relação entre as pausas na fala, a entonação e o caráter novo/dado das informações transmitidas. Além disso, Chafe (1987) postula que tanto a ordenação vocabular quanto a codificação da cláusula estariam diretamente ligadas às expectativas de estado de ativação do conhecimento na mente do interlocutor, no momento da enunciação por parte do interlocutor. Esses estados de ativação seriam três: o estado ativo (para informações dadas), o estado semiativo (para informações acessíveis) e o estado inativo (para informações novas).

Argumentando no nível das cláusulas, Tomasello (1998, p. 14) também indica esta necessidade por parte do locutor de ajustar o seu discurso considerando o que o interlocutor sabe e espera sobre o que foi dito em conversas anteriores e quais entidades

estão visivelmente disponíveis no momento da enunciação<sup>4</sup>. O esforço do locutor, tendo como base a informatividade do conteúdo transmitido e as expectativas do interlocutor, é colocada por Tomasello no “domínio pragmático” ou “ênfase pragmática”<sup>5</sup>.

A informatividade, que tem bastante relação com a ordem vocabular, como visto anteriormente, está diretamente relacionada com um outro aspecto bastante importante para o desenvolvimento deste trabalho: a focalização.

## 2.5. Focalização

De acordo com Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 27), a estruturação do conteúdo proposicional a partir de demandas comunicativas específicas, além de poder ser chamado de ênfase pragmática, pode ser classificada como focalização. Através de uma série de frases simples e com palavras bastante similares, Tomasello (1998, p. 15) demonstra este aspecto linguístico:

- I. Pete abriu a porta com esta chave
- II. Esta chave abriu a porta
- III. A porta abriu
- IV. A porta foi aberta (por Pete)
- V. Foi Pete que abriu a porta
- VI. Foi a porta que abriu
- VII. O que aconteceu foi que o Pete abriu a porta
- VIII. O que aconteceu foi que a porta abriu

Apesar de bastante similares em escolha vocabular, cada uma dessas sentenças responde a uma necessidade comunicativa diferente, mais especificamente, à circunstâncias pragmáticas diferenciadas. As possibilidades de utilização das frases acima são várias: “se o falante assumir que o ouvinte sabe que algo abriu a porta, mas não sabe o que, ele talvez queira enfatizar que “foi esta chave que...”” (TOMASELLO, 1998, p. 15) ou se, por exemplo, o locutor assumir que “o ouvinte sabe que algo aconteceu, mas

---

<sup>4</sup> Tradução nossa

<sup>5</sup> “Domínio pragmático” trata-se de uma tradução nossa para “*domain of pragmatics*”, empregado por Tomasello (1998, p. 14). “Ênfase pragmática” foi o termo utilizado por Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 27)

não o que, talvez ele queira enfatizar que “o que aconteceu foi que...”” (*Op, cit.*). Diante destas possibilidades, Tomasello resume:

“Em todos os casos, a semântica da situação é a mesma “Pete abrindo a porta com uma chave”, mas o trabalho de moldar os enunciados, por parte do falante, de acordo com as exigências da situação comunicativa em particular faz com que ele tenha que fazer escolhas dentre os vários tipos de construções sintáticas que foram historicamente pré-desenvolvidas para estas exigências”<sup>6</sup> (TOMASELLO, 1998, p. 15)

Em consonância com os estudos de Tomasello (1998), está a posição de Lambrecht (1994). Para este autor, o foco de uma proposição é visto como o elemento informacional pelo qual a asserção e a pressuposição se diferem. Em outras palavras, “o foco é a parte da proposição que não pode ser pressuposta no momento da enunciação. É o elemento imprevisível e pragmaticamente não recuperável em um dado discurso. O foco é o que transforma um enunciado em uma asserção”<sup>7</sup>. (LAMBRECHT, 1994, p. 207). A visão de Lambrecht (1994) é semelhante à de pesquisas antecessoras, tais como a de Jackendoff (1972, p. 230 *apud* LAMBRECHT, 1994, p. 207), que define a pressuposição de uma sentença como “a informação na sentença que o falante acredita ser compartilhada entre ele e o ouvinte” e define o foco de uma sentença como “a informação na sentença que o falante acredita não ser compartilhada entre ele e o ouvinte”.

Para além da ordenação vocabular, como foi demonstrado na seção anterior e nesta, linguisticamente, a focalização em um determinado item de uma sentença pode se dar de várias maneiras. Lambrecht (1994, p. 208) cita, por exemplo, a influência da prosódia na marcação de foco em sentenças. Neste momento de sua teoria, Lambrecht estabelece um *link* com os estados de ativação dos referentes do discurso (Chafe, 1987). Contudo, neste trabalho, especificamente, o foco será as construções [SN VAUX VPP] e [(X) VAUX VPP SN]]FOC e como a mudança na ordem dos constituintes nestas cláusulas pode estar diretamente relacionada ao aspecto de focalização.

---

<sup>6</sup> Tradução nossa

<sup>7</sup> Tradução nossa

### 3. Mergulhando no universo dos quadrinhos

#### 3.1 O (hiper)gênero dos quadrinhos

Considerando a suma importância das Histórias em Quadrinhos (HQs) para o desenvolvimento desta pesquisa, faz-se vital a existência de um capítulo dedicado ao estudo dos quadrinhos para que a análise dos resultados posteriormente possa se apresentar de maneira mais robusta, não levando apenas em conta o caráter sintático-semântico das estruturas, mas também seu contexto textual. Por isso, neste momento, faz-se necessária a discussão acerca dos quadrinhos como um (hiper)gênero textual. Ramos (2010, p. 20) retrata a existência de três grandes linhas teóricas que buscam classificar os quadrinhos por gêneros, sendo estas:

- I. A que vê os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros;
- II. A que vincula os gêneros de cunho cômico – charge, cartum, caricatura e tiras (em alguns casos, chamadas de quadrinhos) – num rótulo maior, denominado humor gráfico ou caricatura.
- III. A que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (por serem textos publicados em jornal)

Para o desenvolvimento deste trabalho, assim como Ramos (2010), a abordagem adotada foi a primeira linha teórica, que considera os quadrinhos como “um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos” (RAMOS, 2010, p. 21). A literatura sobre os quadrinhos oferece algumas explicações para tentativas de separação de algumas tipologias textuais específicas.

Postema (2018), por exemplo, descreve a ascensão do termo “*graphic novels*” como um desejo de substituir o nome dos quadrinhos, por este termo estar frequentemente associado a histórias de “super-heróis, de crimes e de horror, e a longa tradição de quadrinhos de humor, como as tiras de jornal” (POSTEMA, 2018, p. 13). Quando, na realidade, as narrativas gráficas (uso em português do termo supracitado) são “narrativas “mais longas e completas, publicadas em livros de capa dura ou cartonada, com 100 páginas em média”; são produtos “mais bem acabados e voltados para o público adulto””

(ROSA, 2014, p. 50 apud XAVIER, 2017, p. 9). Ademais, Postema declara que “o desejo de substituir o nome dos quadrinhos parece sugerir uma ansiedade sobre a sua história particular e status social” (POSTEMA, 2018, p. 13), o que revela um aspecto social desta discussão, levando a autora a defender que há um perigo em “criar uma separação e dissociação entre os diferentes tipos de gênero de quadrinhos, em especial quando os rótulos são imprecisos ou aplicados de forma aleatória” (POSTEMA, 2018, p. 13).

Diante destes fatos, a postura adotada neste trabalho é a de tomar os quadrinhos como um **hipergênero**. Este termo, usado por Maingueneau (2004, 2005 e 2006) e reaproveitado por Ramos (2010), define uma categoria que “daria as coordenadas para a formatação textual de vários gêneros que compartilhariam diversos elementos.” (RAMOS, 2010, p. 20). Ou seja, o rótulo “quadrinhos” abarca uma série de subgêneros que estão presentes nas mais diferentes mídias, como prova a revisão da literatura realizada por Xavier (2017), a exemplo de: charge, cartum, graphic novel, HQs, literatura em quadrinhos, quadrinhos eletrônicos e mangá. Apesar da grande variedade de formas que compõem este título, todas estas produções têm em comum “a tendência de serem narrativas, de compartilharem recursos próprios da linguagem quadrinística (balões, onomatopeias, linhas cinéticas, entre outros) e de antecipar ao leitor que se trataria de uma história em quadrinhos” (RAMOS, 2013, p. 1285).

### 3.2 A linguagem dos quadrinhos

Neste momento, faz-se importante aprofundar a análise dos quadrinhos a partir da linguagem presente neste hipergênero, para além dos recursos visuais utilizados pelos autores. Como dito anteriormente, os quadrinhos são predominantemente narrativos. Contudo, Mendonça (2002) retoma a heterogeneidade tipológica inerente a todos os gêneros textuais, proposta por Marcuschi (2000), para descrever que as HQs também apresentam variadas sequências textuais, tais como a argumentativa, expositiva e a

injuntiva. A título de exemplo, Mendonça (2002, p. 211) traz a tira abaixo com sequências expositivas no 1º e 2º quadrinhos e sequências narrativas no 3º quadrinho:



Figura 1 - Jornal do Commercio, 30/01/2002 (Recife/PE)

Um ponto extremamente relevante da constituição linguística dos quadrinhos é o fato de, apesar das HQs serem um gênero realizado no meio escrito, eles procurarem reproduzir a fala. Mendonça (2002) utiliza-se da visão de fala e escrita de Marcuschi para o desenvolvimento de sua visão sobre os quadrinhos. Para Marcuschi (2007), uma divisão dicotômica entre gêneros pertencentes ao campo da fala ou da escrita, proveniente da ideia de que a escrita é “estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata” (MARCUSCHI, 2007, p. 60) enquanto a fala é “concreta, contextual e estruturalmente simples” (MARCUSCHI, 2007, p. 60), não é o suficiente para dar conta da dinamicidade dos gêneros textuais presentes na contemporaneidade. Em contrapartida, buscando amenizar estas idealizações teóricas anteriores, o autor propõe “que as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo da produção textual, e não na relação dicotômica entre dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2007, p. 61). Dentro desta perspectiva, as HQs surgem como um gênero bastante representativo dos estudos de Marcuschi, por aparecerem no meio escrito, em suportes como revistas e gibis, mas buscarem retratar a fala nos quadrinhos.

Ademais, Mendonça (2002, p. 211) diz que a concepção das HQs<sup>8</sup> é de base escrita pela existência dos “guiões” que seriam “narrativas verbais que orientam o trabalho do desenhista” e que precedem o desenvolvimento dos quadrinhos em si. Desta forma,

<sup>8</sup> Vale ressaltar que Mendonça (2002) ora se utiliza do termo “quadrinhos” e ora lança mão da nomenclatura “HQ” para descrever o hipergênero descrito anteriormente. Ademais, é notório que ela considera “HQs” tanto um gênero “guarda-chuva” quanto um subgênero de um hipergênero de mesmo nome quando ela diz que: “Podemos, portanto, situar as HQs numa verdadeira “constelação” de gêneros não verbais ou icônico-verbais assemelhados. Entre os que também circulam na mídia escrita, citamos, de acordo com a ordem de surgimento, a caricatura, a charge, o cartum, as próprias HQs e as tiras” (MENDONÇA, 2002, p. 212)



percebe-se que há a produção de uma produção escrita semelhante aos roteiros de cinema, como pontua a autora, que antecede a quadrinização e, com isso, o trabalho de reprodução das estruturas típicas da comunicação oral. Por isso, Mendonça (2002, p. 211), valendo-se de Eisner (1999), menciona a supremacia da narrativa verbal sobre o desenho nos quadrinhos.

### 3.3 A figura central deste trabalho: a Turma da Mônica

Neste momento, faz-se necessária a análise da obra central de HQs que constitui o *corpus* desta pesquisa: a série de revistas e gibis **Turma da Mônica**. Esta série de quadrinhos, que faz parte do repertório sociocultural de grande parte dos brasileiros, foi lançada por Maurício de Souza em 1959. A Turma da Mônica foi selecionada para este trabalho por sua grande variedade de obras, por ter muito material disponível nos sites oficiais da Maurício de Souza Produções e na Internet, além de ser um título muito conhecido do grande público.

Considerando que o hipergênero quadrinhos abarca uma grande variedade de subgêneros que podem ser contemplados dentro deste guarda-chuva, ao longo de sua história, “Turma da Mônica” publicou textos que podem se encaixar em diferentes taxonomias de HQs ou quadrinhos. Tendo como base a vasta bibliografia da Turma da Mônica, diferentes categorias propostas por Xavier (2017) e por Mendonça (2002) emergem do *corpus* deste trabalho, como por exemplo, o subgênero das HQs, que são definidas como sequências narrativas com personagens fixos permitindo “uma condução narrativa maior e mais detalhada que as tiras” (XAVIER, 2017, p. 9). As HQs como subgênero se fazem muito presentes em almanaques da Turma da Mônica, como “*Cebolinha – Invenções*” e “*Cebolinha – Brincadeiras*” que constituíram o *corpus* desta pesquisa. Ao mesmo tempo, os gibis e almanaques, como estes supracitados, também incluem tiras cômicas (ou tirinhas), que são histórias “mais curtas (até 4 quadrinhos) e [...] de caráter sintético”.

Faz-se importante, neste momento, descrever uma característica importante do gênero HQs e que é necessária para a compreensão do *corpus* desta pesquisa, que é a intertextualidade tipológica. Para além do uso de diferentes sequências textuais dentro dos quadrinhos, de acordo com Menezes (2002, p. 215), este hipergênero pode ser utilizado para a função de outros. Uma utilização bastante significativa das HQs neste

contexto intertextual é para fins didáticos, sobretudo campanhas educativas que escolhem veicular a mensagem da propaganda através dos quadrinhos. Ou seja, as HQs são utilizadas com uma função comunicativa didática, apesar de manterem a forma dos quadrinhos, dos balões e dos diálogos, comuns ao gênero.

Sendo assim, os conhecimentos aqui tecidos acerca sobre o (hiper)gênero quadrinhos serão de grande importância para esta pesquisa. O objetivo geral deste trabalho, tendo como base o *corpus* composto por HQs, é a realização de uma descrição das construções passivas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> e a conseguinte análise de forma e função destas cláusulas, com objetivo de comprovar se estas apresentam um comportamento semelhante ao que já foi demonstrado em estudos anteriores sobre a voz passiva e a focalização no Português do Brasil.

## 4. Revisão da literatura

### 4.1 Introdução

Para execução de nosso trabalho, é de suma importância verificarmos o que as pesquisas demonstraram acerca das construções aqui abordadas.

Na contemporaneidade, tem-se o estudo de Freitas e Marques (2020), marcado pela publicação do artigo “Uma visão construcional da ordem verbo-sujeito como estratégia de focalização no português do Brasil” na Revista Linguística, como uma das pesquisas mais recentes sobre o tema da posposição do sujeito e que também discute a esfera da voz passiva, por ser um trabalho acerca do esquema [(X)VSN]<sub>FOC</sub> e de seus respectivos pareamentos: [(X)VSN]<sub>ATV</sub> e a [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>PAS</sub>. O trabalho de Freitas e Marques (2020) será retomado mais a frente, em outro momento deste capítulo.

Para o desenvolvimento de sua pesquisa, Freitas e Marques (2020) se pautaram também em estudos anteriores acerca da posposição do sujeito no português do Brasil, como por exemplo os de Naro e Votre (1999), Mouta Marques (2012) e Furtado da Cunha (1989). Para além do que estes estudos antecessores contribuíram para a pesquisa de Freitas e Marques (2020), estas publicações também serão ponderadas em detalhes na presente publicação, pois são de grande contribuição para a análise dos dados desta pesquisa.

### 4.2 Naro e Votre (1999)

Neste momento, faz-se importante citar Naro e Votre (1999), pesquisa acerca do sujeito posposto no PB, que revelou, entre outros achados, o caráter apresentacional de referentes novos da ordem VS e a recorrência de elementos adverbiais à esquerda do verbo. Freitas e Marques (2020) adicionam que estudos posteriores aos de Naro e Votre (1999) reconhecem

“a associação entre o caráter de introdução de informação nova da cláusula VS, mas dão destaque, entretanto, ao fato de o caráter apresentacional de SN não estar categoricamente relacionado ao fenômeno da posposição, como defende, por exemplo,

Berlinck (1997)” (FREITAS; MARQUES, 2020, p. 682)

Em seus estudos, analisando o discurso e a pragmática, Naro e Votre (1999) fazem questão de enfatizar o “Princípio da Baixa Tensão”<sup>9</sup> como a variável principal na escolha por parte do falante pela ordem SV ou VS; outros fatores funcionariam como reflexos deste princípio fundamental. Este conceito postula que a ordem VS representa um baixo nível de tensão comunicativa: o sujeito desta oração não é topical e a oração como um todo não está situada no centro do fluxo de informações da narrativa. Ademais, os autores afirmam que a ordem VS está geralmente associada a um conteúdo apresentativo<sup>10</sup> e que geralmente está no plano de fundo da narrativa.

Outro ponto importante que aparece nas pesquisas de Naro e Votre (1999) é o predomínio de elementos adverbiais à esquerda nas orações VS. Os autores adicionam que “os advérbios de lugar ou tempo podem servir para direcionar e tornar menos difusa a ação verbal ou outros constituintes da oração no ambiente de baixa tensão da ordem VS”. (NARO; VOTRE, 1999, p. 95). Esta natureza dos elementos adverbiais viria a ser confirmada por estudos seguintes acerca da voz passiva no PB.

#### 4.2 Mouta Marques (2012)

As contribuições de Mouta Marques (2012) para a discussão sobre a preposição e a posição do sujeito no PB são vitais para este trabalho. A autora buscava compreender, entre outras coisas, quais fatores motivariam a posição do sujeito no português, analisando desde o período arcaico da língua até a contemporaneidade e buscando verificar a existência de uma ação pancrônica no enrijecimento da ordem SV(C) como a preferida pelos falantes de português.

Em seu estudo diacrônico, a autora tinha como um de seus objetivos específicos a observação da frequência de ocorrência do item verbal em cláusulas VS, “a fim de identificar se construções VS com verbos mais frequentes tenderam a permanecer por

---

<sup>9</sup> Tradução nossa para “Principle of Low Tension”

<sup>10</sup> Tradução nossa para “presentative”

mais tempo e a se configurar como os contextos restritos em que os sujeitos pospostos ocorrem no português atual” (MOUTA MARQUES, 2012, p. 73).

Em seus resultados, que foram reafirmados por Freitas e Marques (2020), este objetivo levou a uma resposta afirmativa de que, de fato, as construções VS (verbo-sujeito) que abarcaram verbos recorrentes na língua portuguesa se mantiveram por mais tempo no arcabouço diacrônico da língua. Esta conclusão de Mouta Marques (2012) foi de vital importância para os estudos de Freitas e Marques (2020) e outros acerca da posposição do sujeito, por sugerir uma especialização de função da construção VS diante da cristalização da ordem SV(C), numa perspectiva diacrônica, como a ordenação vocabular preferida.

Ademais, a autora traz outra grande contribuição para este trabalho. Mouta Marques (2012) traz a hipótese de que a forma não marcada, ou seja, a construção SV(C), estaria mais associada a informações velhas ou inferíveis em todos os séculos analisados. Por outro lado, segundo a autora, verbos cujos sujeitos veiculam uma informação nova, como os de apresentação, por exemplo, poderiam estar mais associados a uma posposição do sujeito. Em seus estudos, após verificar que, de fato, a construção SV(C) é a ordenação vocabular não-marcada em todos os séculos, Mouta Marques (2012, p. 143) constatou o alto índice de sujeitos antes do verbo que veiculam uma informação dada (71,5% dos casos das cláusulas ativas em seus *corpora*). Esta descoberta pavimentou o caminho para que a autora, através da análise da informatividade dos sujeitos pospostos ao verbo, conseguisse estabelecer uma relação entre a novidade dos referentes e a posição do sujeito na cláusula:

“Embora haja uma porcentagem significativa de sujeitos evocados pospostos ao verbo e de sujeitos novos a ele antepostos, confirma-se a relação entre a posposição e a novidade do referente, ou seja, tal posição tende a ser ocupada por elementos que apresentam maior carga informacional, por serem menos pressupostos” (MOUTA MARQUES, 2012, p. 143)

#### 4.3 Furtado da Cunha (1989)

Em seguida, faz-se importante falar das contribuições dos estudos de Furtado da Cunha (1989) para o que se sabe sobre a ordenação vocabular no PB, mais especificamente, num contexto que muito interessa a este trabalho: o das construções

passivas. Em sua pesquisa, a autora analisou as motivações discursivas da voz passiva analítica nas ordens SV e VS. Os estudos demonstraram que, acerca da atribuição do elemento [+ Tópico] na estrutura passiva do português do Brasil, ao optar pela ordem SV, o falante estaria posicionando o argumento paciente na posição de sujeito, dando maior topicidade a este elemento. Por outro lado, a análise de Furtado da Cunha (1989) indica que esta motivação discursiva não se aplica à ordem VS, pois esta não apresenta um enunciado que remete a um tópico. De acordo com o postulado pela autora, no contexto da passividade da ordem VS, tem-se a quebra da estrutura informacional tópico-comentário que está relacionada, por sua vez, à quebra da ordenação vocabular SV. Desta forma, a construção VS passiva funcionaria como um “bloco de informação” composto pelo sujeito-paciente em posição de [Foco].

Conclui-se a partir dos estudos de Furtado da Cunha (1989) que a quebra da relação tópico-comentário não estaria relacionada apenas à necessidade de destopicalização do SN agente da oração transitiva prototípica, mas também à destopicalização do referente paciente, posto não ser ele, também, o ponto de partida para o desencadeamento da informação. Neste caso, tem-se uma estratégia de refocalização do elemento paciente, que fora focalizado na oração transitiva original correspondente.

#### 4.4 Freitas e Marques (2020)

Retomamos aqui à análise de Freitas e Marques (2020), contribuição importante para o presente trabalho. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, os autores utilizaram os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, como visto, um modelo que abrange os estudos da Linguística Funcional Norte-Americana e os postulados da Linguística Cognitiva, sobretudo os da Gramática de Construções. Vale ressaltar que, dentre as duas cláusulas que compõem o cerne do presente trabalho, ou seja, a passiva SV e a passiva VS, Freitas e Marques (2020) se debruçaram sobre a  $[(X) V_{AUX} V_{PP} SN]_{FOC}$ , por acreditar que este seria um subesquema do esquema  $[(X) VSN]_{FOC}$ , juntamente com a cláusula de voz ativa da construção de sujeito posposto no PB.

Ademais, outro aspecto importante da pesquisa de Freitas e Marques (2020) para o presente trabalho é a análise do aspecto [+Focal] apresentado por estas cláusulas, e que é associado ao papel pragmático da construção passiva  $[(X) V_{AUX} V_{PP} SN]_{FOC}$  do PB. Para os autores, o uso desta construção está associado à focalização de novos referentes,

considerando a preferência dos falantes em termos de ordenação vocabular pela ordem *sujeito-verbo-complemento* [SV(C)]. Desta forma, estes fatos levam a uma pergunta que orienta o desenvolvimento do estudo: “não estaria a cristalização de tal ordenação vocabular relacionada à construcionalização de um esquema, de papéis de forma e sentido próprios, que se fixa na rede construcional do PB?” (FREITAS; MARQUES, 2020, p. 681)

O trabalho de Freitas e Marques (2020) parte da possibilidade da existência de um esquema de focalização no PB, o [(X)VSN]<sub>FOC</sub>, considerando o enrijecimento da ordem SV(C) no português do Brasil. Ou seja, a cláusula passiva VS, objeto de estudo deste trabalho ao lado da cláusula passiva SV, formaria um pareamento com a cláusula ativa VS, tendo assim o esquema estudado pelos autores em questão. Os autores definem este possível esquema da seguinte forma:

“Em suma, no nível da forma, [(X)VSN]<sub>FOC</sub> seria uma construção de natureza monoargumental, cujos subesquemas principais, ativo e passivo, podem apresentar um elemento X, à esquerda do verbo, e que, no nível do sentido, apresentaria papel relacionado à focalização ou do SN, ou do conjunto oracional”. (FREITAS; MARQUES, 2020, p. 685)

Para o desenvolvimento deste estudo quantitativo e qualitativo, Freitas e Marques (2020) analisaram os dados dos *corpora* a partir de fatores como: o *status* informacional do SN (dado/novo), última menção deste item no discurso, extensão (sintagmas de até 10 sílabas foram considerados [- extensos]), grau de definitude e emergência do SN, e papel coesivo do SN. Estes fatores foram selecionados a partir de pesquisas anteriores acerca da ordem VS no português do Brasil, algumas aqui já citadas, e com o objetivo de verificar a focalização destas construções.

Considerando o objetivo do presente trabalho de analisar a voz passiva no PB no contexto das HQs, os achados de Freitas e Marques (2020) e os parâmetros supracitados para passiva VS são de extrema relevância.

Os resultados obtidos por Freitas e Marques (2020) confirmaram aquilo que já era esperado. O SN nas construções [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>PAS</sub> se mostrou consideravelmente [+ extenso], [- definido] e [+ novo], ratificando o papel de focalização desta construção. No entanto, os autores chegaram à conclusão de que esta cláusula passiva está mais relacionada à focalização do SN em questão do que a do evento veiculado na proposição. Os autores colocam que, em comparação com a voz ativa, a ordem VS em voz passiva

traz “um caráter de novidade e consequente focalização do SN” (FREITAS; MARQUES, 2020, p. 697) que se destaca nessa construção, diferenciando-a da construção [(X)VSN]<sub>ATV</sub>. Isto ocorre pois, de acordo com os achados de Freitas e Marques (2020), apesar de tanto as construções ativas quanto as passivas do esquema [(X)VSN]<sub>FOC</sub> apresentarem caráter focalizador, as cláusulas de voz ativa demonstraram maior perspectivização de todo o evento, ou seja, de toda a cláusula. Em contraste, aquelas de voz passiva demonstraram perspectivização de apenas um item, ou seja, apenas do SN, sendo este focalizado.

De acordo com os estudos de Freitas e Marques (2020, p. 696), no caso da voz ativa, tem-se a focalização total da cláusula por conta do “papel das construções de maior grau de idiomaticidade e ao papel do elemento X anafórico” que foi verificada em grande parte dos dados obtidos. Já no caso da voz passiva, os dados apontaram construtos compostos por locuções verbais com menor grau de informatividade, ao contrário da voz ativa em que os verbos também detinham um certo grau de novidade informacional. Ademais, nas cláusulas passivas, observa-se uma refocalização do SN, na medida que estes itens, após emergirem no discurso, são retomados após certo distanciamento da menção anterior. Ao surgir na posição pós-verbal, a perspectivização deste SN é ainda mais focalizada.

Os autores também trouxeram informações relevantes acerca do preenchimento do *slot* (X) na construção [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>PAS</sub>. Os dados trouxeram uma quantidade considerável de construtos encabeçados por elementos de natureza adverbial, 90% das construções do corpus de voz passiva. Além disso, Freitas e Marques analisaram o caráter coesivo dessas estruturas adverbiais, identificando em 58% delas uma função de retomada, em 25%, função de retomada e continuidade e, finalmente, em 17% dos construtos, uma função coesiva de continuidade textual.

Após a análise dos dados de voz ativa e passiva da construção [(X)VSN], os autores chegaram à conclusão de que as construções [(X)V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>PAS</sub> e [(X)VSN]<sub>ATV</sub> compartilham formalmente muitas semelhanças em relação aos seus constituintes. Em relação ao sentido, ambas possuem papel focalizador. No entanto, como exposto anteriormente, esta focalização demonstrou se manifestar de maneira diferente nas duas construções; enquanto nas construções ativas, houve, em maior grau, focalização de todo o evento, nas construções de voz passiva, predominou a focalização apenas de um constituinte, mais precisamente, do SN. Mesmo assim, a conclusão de Freitas e



Marques (2020) é de que os fatos não justificam afirmar que estas construções se constituam em esquemas distintos, ilustrando a proposta construcional de que

“tais elementos apareçam relacionados a um mesmo esquema, um protótipo, que pode abarcar tanto construções que envolvem a perspectivização de SNs quanto construções que envolvem a perspectivização de eventos”. (FREITAS; MARQUES, 2020, p. 699)

Portanto, apesar das diferenças demonstradas ao longo do artigo, algumas pontuadas neste trabalho, Freitas e Marques (2020) concluem que as construções  $[(X)V_{AUX} V_{PP} SN]_{PAS}$  e  $[(X)VSN]_{ATV}$  não devem ser associadas a esquemas distintos. Na perspectiva dos autores, estas construções devem ser vistas como subesquemas de um esquema maior: o  $[(X)VSN]$ .

## 5. Objetivos e hipóteses

Nesta seção, apresentamos os objetivos e hipóteses deste trabalho. A partir do *corpus* composto por HQs e guiada pelos postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015; CROFT, 2012), esta pesquisa tem como grande intento a realização de um estudo construcional acerca das construções passivas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> e a relação destas construções com o gênero escolhido. Ademais, este estudo também tem como um de seus objetivos centrais a identificação/confirmação das características de forma e função das cláusulas que instanciam tais construções e a possível identificação de uma relação de tais características com seus contextos de uso.

Para o desenvolvimento da pesquisa e para o cumprimento do objetivo geral deste, foram levantadas algumas hipóteses que nortearam todas as etapas do trabalho, desde o desenvolvimento do *corpus* até a análise dos dados:

- I. Há predominância de voz ativa no gênero HQ, fazendo com que as orações passivas sejam marcadas neste gênero.
- II. Dentro do gênero HQ, no geral, as cláusulas passivas, em particular a passiva VS [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> teriam um comportamento construcional semelhante ao que já foi exposto em Freitas e Marques (2020) e em estudos semelhantes, como os de Furtado da Cunha (1989), Naro e Votre (1999), Mouta Marques (2012) e.
- III. As cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> podem, ainda, demonstrar funcionalidades específicas dentro do gênero HQ.

Com o objetivo de cumprir o objetivo geral e a análise das hipóteses levantadas, faz-se importante a exposição de alguns objetivos específicos também. Primeiramente, um dos propósitos específicos deste trabalho é verificar a confirmação da hipótese da marcação da voz passiva nas HQs, buscando notar o quanto estas cláusulas se fazem presentes nas revistas selecionadas ou não. Além disso, considerando que este trabalho se dedica exclusivamente a falar das cláusulas passivas no português do Brasil, diferindo-se de trabalhos citados anteriormente no capítulo de revisão da literatura, como Mouta

Marques (2012) e Naro e Votre (1999), é relevante verificar qual das cláusulas faz-se mais presente no *corpus*.

Além dos objetivos supracitados, existem alguns objetivos que atualizam as hipóteses construcionais acerca do objeto. Ou seja, um dos objetivos específicos desta pesquisa é compreender se as cláusulas passivas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> demonstram as características construcionais, funcionais e formais, expostas nos estudos anteriores, já aqui citados... Para cumprir este desígnio, também aparece como um alvo específico desta pesquisa o desenvolvimento de um levantamento das características sintático-semânticas das construções, como a informatividade e o papel temático do SN, já identificadas nesses estudos.

Sob a égide de Freitas e Marques (2020) e Naro e Votre (1999), um dos objetivos específicos deste trabalho também é a investigação de quais elementos preencheram o *slot* (X) das cláusulas [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>. Em seguida, objetiva-se a delimitação de possíveis subgrupos para os elementos que ocuparam esta posição nestas construções que compuseram o *corpus*.

Finalmente, considerando a hipótese da marcação das orações passivas no gênero HQ, um objetivo específico foi delineado ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Considerando a possível especificidade do uso das cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> dentro deste hipergênero, faz-se interessante perceber contextos específicos de uso destas construções nas revistas selecionadas para composição do *corpus*. Para isso, os postulados da Linguística Textual, sobretudo aqueles que se dedicam especificamente ao estudo dos quadrinhos podem ser bastante úteis, tais como Ramos (2010) e Mendonça (2002).

## 6. Metodologia

Após a exposição dos objetivos e hipóteses que sustentam o desenvolvimento deste trabalho, faz-se importante a exposição dos aspectos metodológicos desta pesquisa. Em primeiro lugar, como explicitado no capítulo 3, a série de histórias em quadrinhos escolhida para iniciar este estudo foi a Turma da Mônica. A motivação para esta decisão veio do vasto acervo de HQs oferecido por esta obra de Maurício de Souza, justificado pelos mais de 60 anos de história desta “turma” que inclui personagens conhecidos pelo grande público, tais como: Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão, Bidu, Franjinha, entre outros personagens que compõem estes quadrinhos sexagenários que marcaram o imaginário infanto-juvenil brasileiro. Na imagem abaixo, mais personagens podem ser observados:



Figura 1 - Personagens da Turma da Mônica

Além dos personagens supracitados, o nosso *corpus* também foi composto por histórias de personagens menos recorrentes na Turma da Mônica, tais como o Astronauta, o cientista Franjinha, o homem das cavernas Piteco e o indígena Papa-Capim, por exemplo, que podem ser vistos na figura acima.

Após a seleção de qual série de HQs iniciaria este estudo, o processo de composição do *corpus* foi iniciado. Para tal, realizamos a leitura de gibis e almanaques da Turma da Mônica e realizamos a busca manual de orações passivas dentro dos materiais. Ao todo, 25 revistas desta série de HQs produzida por Maurício de Souza foram

analisadas. Destas 25 publicações, algumas são nomeadas “Revistas Especiais”, por possuírem um fim didático e estarem disponíveis para serem acessadas no site da Turma da Mônica. Na tabela abaixo, a presença deste tipo de material no *corpus* pode ser conferida:

<b>Edições</b>	<b>Proporção</b>
<b>Edições especiais</b>	13/25 (52%)
<b>Outras edições</b>	12/25 (48%)

Tabela 1 - Proporções de edições especiais no corpus

Depois de realizar a leitura destas 25 revistas e a busca manual de orações passivas, um banco de dados composto por 99 orações passivas foi formado. Considerando que, neste trabalho, estamos analisando as duas construções de voz passiva do PB, a [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>, a primeira etapa de tratamento dos dados foi a de separar as orações que representavam a voz passiva na tradicionalmente chamada “ordem SV” e na “ordem VS”, para os efeitos quantitativos apresentados nos objetivos deste trabalhos.

Em seguida, os 99 exemplos de cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> foram analisados a partir do papel temático exercido pelo SN. Tendo como base a relação estabelecida entre o SN e a locução verbal, o papel temático exercido pelo sujeito destas cláusulas também foi registrado nos dados com o fim de cumprir o objetivo de verificar se o corpus composto por HQs retoma características funcionais expostas em estudos anteriores.

Além disso, considerando, sobretudo, a presença da cláusula [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> em nossos estudos, faz-se de suma relevância o registro da informatividade das estruturas retiradas das HQs. A importância de se registrar a informatividade das estruturas está diretamente relacionada ao aspecto de focalização atribuído à construção de voz passiva com sujeito posposto ao verbo, como visto no capítulo dedicado à revisão da literatura. Para este fator de análise, três categorias foram estabelecidas: a dos SNs novos, inferíveis e dados. Para a última classe, também registramos a distância entre a ocorrência na oração analisada e a possível última aparição do mesmo SN no texto.

Ademais, com foco na cláusula [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>, faz-se interessante obter informações acerca de quais termos preenchem o *slot* (X) desta cláusula no *corpus* que

foi construído. Além disso, com o objetivo de analisar os elementos que compõem esse (X), a partir das funções desempenhadas por esses constituintes nos textos, possíveis subgrupos funcionais foram levantados. Para fins de exemplificação, listamos abaixo os 9 dados de passivas VS encontrados:

- (1) “Foram chamados os 13 melhores comandantes” (Saiba Mais – Descobrimento do Brasil)
- (2) “Não é permitido animal aqui no parque” (Turma da Mônica - Clássicos do Cinema 14)
- (3) "E foi fundado, então, em Manguinhos, no Rio de Janeiro, o Instituto Soroterápico Federal!" (Você Sabia? (Oswaldo Cruz)
- (4) “Na embalagem do frasco, está marcado o fator de proteção solar e é melhor ainda se tiver proteção contra os raios ultravioleta do tipo A (UVA)”. (A pele e o sol (Ed. Especial)
- (5) "Em 2010, foi lançado o Ipad" (Steve Jobs)
- (6) "Em 1º de Junho de 1950, foi criado o Dia Mundial da Criança" (Saiba Mais - Dia das Crianças)
- (7) “É na mesma data que foi criada a Declaração dos Direitos das Crianças" (Saiba Mais – Dia das Crianças)
- (8) "Em 15 de Novembro de 1889, foi proclamada a República" ("Saiba Mais - Descobrimento do Brasil")
- (9) "Em 1976, foi feita uma homenagem pela União Astronômica Internacional" (Você Sabia? (Santos Dumont))

Como explicitado no capítulo anterior, que foi dedicado aos objetivos e hipóteses desta pesquisa, entende-se que um dos pressupostos é o de que as orações passivas seriam marcadas no gênero HQ. Indo neste mesmo caminho, considerando a marcação das cláusulas estudadas neste trabalho, busca-se verificar a existência de um contexto específico para a emergência da voz passiva no *corpus*.

Como mencionado no capítulo dedicado ao gênero HQ, a intertextualidade tipológica faz-se bastante presente no universo do gênero escolhido para ser analisado nesta pesquisa. Além disso, este fenômeno linguístico está usualmente ligado a propósitos didáticos. Menezes (2002) explicita que, no universo das HQs, uma campanha educativa manteria a sua função comunicativa didática e teria a forma familiar dos quadrinhos, assim como uma empresa poderia veicular uma publicidade utilizando-se de uma HQ.

Com isso, além da análise dos constituintes das construções [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>, a função comunicativa do material das quais as orações foram retiradas também foi avaliada, pois este fenômeno poderia estar diretamente associado ao contexto da voz passiva nas HQs.

Além da análise da função comunicativa da revista como um todo, realizamos uma análise mais específica do contexto textual de cada oração. Com base na leitura prévia dos gibis e almanaques que foram utilizados para esta pesquisa, alguns fatores de análise foram levantados para tentar buscar possíveis contextos para estas cláusulas dentro do gênero HQ, como por exemplo: “trata-se de uma explicação didática?”, “trata-se de um *flashback*?”, “trata-se de uma narração de uma história?”.

## 7. Análise dos dados

Após a apresentação dos objetivos, hipóteses e aspectos metodológicos do desenvolvimento deste trabalho, neste capítulo, são apresentados os resultados acerca da pesquisa construcional acerca das cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> no gênero HQ. Vale ressaltar que, assim como em todo o trabalho, a cláusula [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] poderá ser referida como “passiva SV” e a construção [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> como “passiva VS”.

### 7.1. Comparação entre as ocorrências de [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>

Com o objetivo de compreender qual das duas cláusulas analisadas neste trabalho se faz mais presente no *corpus*, tem-se o gráfico abaixo com os resultados de um estudo quantitativo realizado a partir das orações passivas retiradas das HQs:

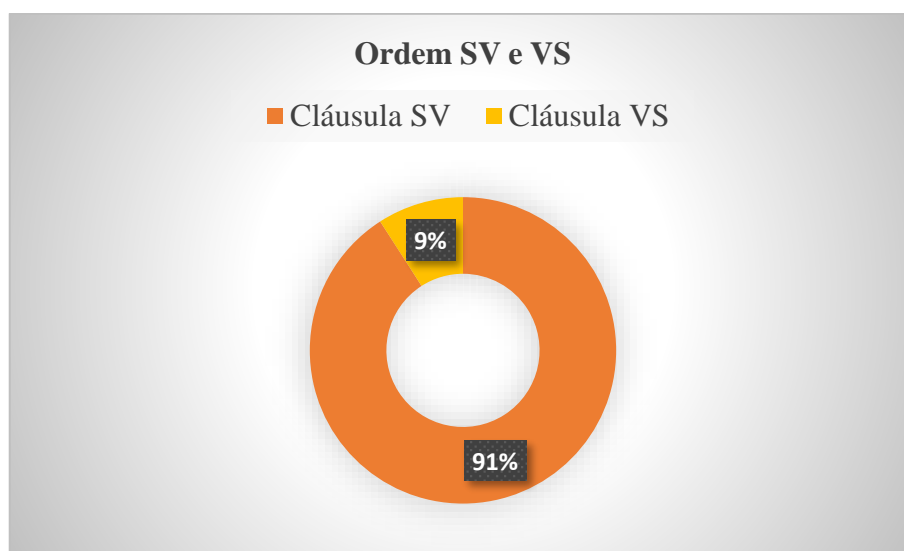


Gráfico 1 - Proporção de cláusulas de ordem SV e VS no *corpus*.

Como percebido através do gráfico acima, 91% (90/99) das orações passivas analisadas eram cláusulas de ordem SV, enquanto 09% (09/99) eram orações de ordem VS. Neste momento, pode-se perceber que a presente pesquisa reforçou a preferência dos falantes brasileiros pela ordem SV(C). Ou seja, este dado reforça o enrijecimento da ordenação vocabular do PB que foi postulado por autores como Freitas e Marques (2020) e Mouta Marques (2012). Tendo em vista a clara preferência pela preposição do sujeito, este estudo quantitativo realizado a partir de orações passivas retiradas de HQs reitera a posição estabelecida por Freitas e Marques de entender a posposição do sujeito como um



esquema maior [(X)VS<sub>N</sub>]<sub>FOC</sub> que abarca os subesquemas [(X)VS<sub>N</sub>]<sub>ATV</sub> e [(X)V<sub>AUX</sub>V<sub>PP</sub>SN]<sub>PAS</sub>.

## 7.2 A marcação das cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>

Como mencionado no capítulo dedicado à metodologia deste trabalho, dentre as 25 revistas analisadas, foram encontradas apenas 99 orações passivas. Considerando o critério de Givón (1984, p. 330) de distribuição no discurso para a determinação de uma categoria ou não marcada, pode-se afirmar que a voz passiva dentro do gênero HQ é uma categoria marcada. Contudo, a partir dos resultados expostos na seção anterior, nota-se que, apesar de marcada, a passiva SV é bem mais produtiva do que a passiva VS. Este fato revela um *gradiente de marcação* no gênero estudado, na medida que a passiva SV é uma cláusula marcada e a passiva VS é uma cláusula *ainda mais* marcada.

## 7.3 A informatividade do SN nas cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>

Nesta seção, apresentamos a análise do status informacional do SN das cláusulas de voz passiva de ordem SV e VS do *corpus* de nossa pesquisa.

### 7.3.1. O status informacional do SN das cláusulas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>].

Com o objetivo de expor os resultados acerca da informatividade do SN das cláusulas de ordem SV em voz passiva, tem-se o gráfico abaixo com base nos dados do *corpus* desta pesquisa com base no gênero HQs:

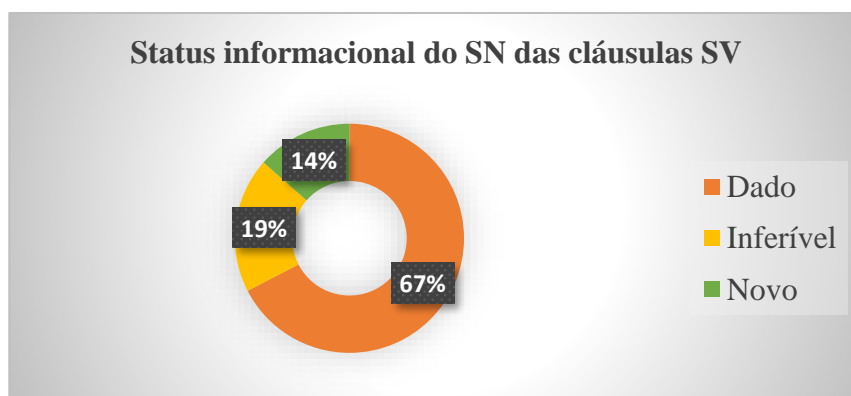


Gráfico 4 - Status informacional do SN em cláusulas SV de voz passiva.

Como percebido, as cláusulas cujo SN apresentaram status informacional considerado “dado” foram as mais recorrentes dentre as 90 cláusulas passivas de ordem SV, com 67% deste número (60/90). Em seguida, aparecem 19% (17/90) de construções em que o SN apresentou informatividade analisada como “inferível”, tendo como base o contexto destas orações nas HQs. E, por último, 12 cláusulas de voz passiva cujo SN apresentou informatividade considerada “nova”, contabilizando 14% (12/90) dos dados. Desta forma, os dados desta subseção reiteram o que estudos anteriores sobre a voz passiva no PB já haviam informado, isto é, a passiva SV se demonstrar menos associada a informações novas/focalizadas.

### 7.3.2. O status informacional do SN das cláusulas [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>

Para fins contrastivos e analíticos, faz-se importante a exposição dos resultados obtidos acerca da informatividade do SN das cláusulas de voz passiva de ordem SV obtidos em nosso *corpus*. Para tal fim, tem-se o gráfico abaixo que expressa esses achados:



Gráfico 5 - Status informacional do SN em cláusulas VS de voz passiva.

A partir do gráfico, infere-se que, no caso das cláusulas passivas com sujeito posposto, os SNs com status informacional considerado “novo” superaram largamente as outras categorias estabelecidas para análise de informatividade, como “dado” e “inferível”. Em nossos dados, 89% das cláusulas de voz passiva de ordem VS (8/9) apresentaram um SN com status informacional classificado como novo, além disso, tivemos uma ocorrência que instancia a uma construção [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub> cujo SN

possuía status informacional “dado”, tendo como base o contexto das orações nos quadrinhos.

A partir dos dados e do referencial teórico, faz-se importante analisar a cláusula que contém um SN dado, sendo esta a oração [na embalagem do frasco, está marcado o fator de proteção solar], considerando que o SN [fator de proteção solar] já havia sido mencionado no balão anterior. Contudo, a informação de que este fator está descrito na embalagem do protetor solar é nova dentro do discurso da HQ, tendo neste caso a focalização de uma informação nova como um todo. Ainda, pode-se perceber que o SN [fator de proteção solar], apesar de ter *status* informacional “dado”, ele ressurge no discurso em posição pós-verbal, o que pode estar associado ao fenômeno de refocalização, na medida que o SN reaparece em posição pós-verbal, agora em posição de comentário.

Nota-se nas 8 ocorrências em que a passiva VS continha um SN com status informacional “novo” dos SNs uma relação com o aspecto de focalização deste mesmo referente. Estas orações, de fato, focalizaram este SN inédito dentro do discurso das HQs, que apareceu em posição pós-verbal, típico posto de “comentário” dentro da estrutura “tópico-comentário”. Na seção seguinte, serão feitas maiores explicações sobre o caráter anafórico do *slot* (X) e sobre a estrutura argumental da passiva VS.

Com base nessas informações, conclui-se que esta análise reitera o que estudos anteriores já informavam acerca do caráter [+Focal] destas cláusulas, que está ligado, entre outros aspectos, ao status informacional “novo” do SN destas construções. Sendo assim, este estudo com base no gênero HQs reforçou o que análises anteriores, como as de Mouta Marques (2012) e a de Freitas e Marques (2020), já haviam demonstrado acerca da focalização de estruturas com sujeito posposto no PB.

#### 7.4. O preenchimento dos *slots* das cláusulas [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>

Nesta seção, realiza-se a exposição de quais itens ocuparam a posição (X) das cláusulas de ordem VS em voz passiva considerando o nosso *corpus* composto por 9 orações deste tipo. A partir de estudos como os de Freitas e Marques (2020, p. 685), sabe-se que o *slot* (X) pode ser preenchido por elementos que, no nível do sentido, apresentaria

papel relacionado à focalização do SN (no caso da voz passiva). Com esse objetivo, tem-se a tabela abaixo que resume os resultados encontrados:

<b>Elementos adverbiais</b>	<b>Conjunções adverbiais</b>	<b>Pronomes</b>	<b>Não preenchido</b>
7/9	1/9	1/9	1/9
67%	11%	11%	11%

Tabela 1 - Distribuição de itens que preenchem o *slot* (X) na cláusula VS de voz passiva.

A partir dos dados supracitados, nota-se que os elementos adverbiais são os mais recorrentes no preenchimento do *slot* (X) nas cláusulas [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>FOC</sub>, com 67% dos dados (6/9). Em seguida, três ocorrências únicas representam os outros dados do *corpus*. Ou seja, nos outros 33%, o *slot* (X) das cláusulas VS de voz passiva foi preenchido por outros elementos tais como conjunções (1/9), pronomes relativos (1/9), ou não foi preenchido na oração (1/9).

Estes resultados reiteram o que Naro e Votre (1999) já havia postulado acerca da grande incidência de elementos adverbiais à esquerda das orações passivas VS. Neste caso, em mais um fator de análise, as cláusulas de voz passiva retiradas de um *corpus* formado a partir de HQs trouxeram o que estudos construcionais anteriores já haviam apontado, tais como Freitas e Marques (2020) e Mouta Marques (2012).

Além disso, faz-se importante retratar os tipos de advérbios encontrados e que encabeçaram as cláusulas passivas de ordem VS de nosso *corpus*. Para isso, tem-se a tabela abaixo com os elementos adverbiais encontrados em nossas pesquisas:

<b>Adjunto adverbial de tempo</b>	<b>Adjunto adverbial de lugar</b>	<b>Advérbio de negação</b>
4/6	1/6	1/6
67%	17%	17%

Tabela 2 - Classificação dos elementos adverbiais que preencheram o *slot* (X) das orações passivas de ordem VS.

A partir destes dados, tem-se que os adjuntos adverbiais são os elementos que mais predominantemente preencheram o *slot* (X) das cláusulas passivas de ordem VS, sobretudo os adjuntos adverbiais de tempo. Além destas ocorrências, tem-se um caso de uma cláusula passiva com sujeito posposto cujo *slot* (X) foi preenchido por um advérbio

de negação. Faz-se importante esta descrição mais detalhada das ocorrências dos elementos adverbiais que preencheram o *slot* (X) por conta da grande incidência de adjuntos adverbiais de tempo associada às cláusulas passivas VS. Estes quatro adjuntos adverbiais de tempo eram locuções adverbiais indicativas de datas ou períodos históricos em que determinados eventos teriam acontecido: “em 1º de junho de 1950 ou “em 2010”.

#### 7.4.1. A anaforicidade dos termos que preencheram o *slot* (X)

Em Freitas e Marques (2020, pps. 698-699), discute-se a presença dos elementos adverbiais à esquerda das locuções verbais na passiva VS e a (re)introdução de informações com status informacional “novo” no discurso. Com base nos dados de sua pesquisa, os autores postulam que estes elementos adverbiais parecem evidenciar a relação tópico-comentário, que seria uma das possibilidades de organização discursiva relacionada à focalização do esquema [(X)VS<sub>N</sub>]FOC. Por isso, faz-se importante a análise de alguns dos elementos que preencheram o *slot* (X) em nossos dados.

Em primeiro lugar, tem-se uma ocorrência de não preenchimento do *slot* (X) na cláusula [foram chamados os 13 melhores comandantes]. Neste caso, tem-se o “estágio zero” do caráter anafórico destas estruturas que encabeçam as cláusulas de sujeito posposto no Português Brasileiro. Mesmo assim, Freitas e Marques (2020, p. 699) destacam que a retirada do elemento adverbial inicial indicaria estrutura informacional de foco argumental, típica de focalização exclusiva de referente. Ou seja, mesmo neste caso em que o *slot* (X) não é preenchido, a estrutura que se forma é extremamente simbólica da focalização exclusiva do SN, ou seja, [os 13 melhores comandantes].

Em seguida, tem-se estas quatro ocorrências encabeçadas por um adjunto adverbial de tempo que foram encontradas nas HQs:

[Em 2010, foi lançado o Ipad]

[Em 1º de Junho de 1950, foi criado o Dia Mundial da Criança]

[Em 15 de Novembro de 1889, foi proclamada a República]

[Em 1976, foi feita uma homenagem pela União Astronômica Internacional]

Como visto na seção anterior, as locuções adverbiais de tempo foram os elementos adverbiais mais produtivos do *corpus*. Considerando o contexto destas estruturas

adverbiais que iniciam estas orações, verifica-se que estas estão sempre relacionadas a constituição de uma linha do tempo. Ou seja, apesar destes marcos temporais não retomarem uma data previamente citada, eles dão continuidade à uma sequência temporal de eventos. Neste caso, verifica-se uma certa anaforicidade nestes adjuntos adverbiais de tempo, que pode reforçar a estrutura tópico-comentário mencionada por Freitas e Marques (2020).

Finalmente, o *corpus* das orações passiva VS ofereceu duas ocorrências de elementos adverbiais bastante prototípicos em termos anafóricos, cláusulas estas que podem ser vistas no quadro abaixo:

[Na embalagem do frasco, está marcado o fator de proteção solar e é melhor ainda se tiver proteção contra os raios ultravioleta do tipo A (UVA)]

[E foi fundado, então, em Manguinhos, no Rio de Janeiro, o Instituto Soroterápico Federal]

A locução adverbial [na embalagem do frasco] retoma o sintagma nominal [protetor solar] que havia sido mencionado duas vezes em balões anteriores nos quadrinhos, introduzindo o SN em posição pós-verbal [o fator de proteção solar]. Neste caso, tem-se uma estrutura *default* em termos de estrutura, na medida que a cláusula é iniciada por um *slot* (X) preenchido por um elemento adverbial com papel coesivo anafórico, demonstrando a estrutura tópico-comentário, relacionada à focalização da construção [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]]<sub>FOC</sub>. Em consonância com este exemplo, tem-se a segunda cláusula do quadro acima, encabeçada pela conjunção adverbial [E] que traz, justamente, o papel coesivo de relacionar a cláusula passiva à oração anterior.

#### 7.5. A análise dos contextos da voz passiva dentro das HQs

Após a análise construcional das 99 orações SV e VS passivas encontradas nas HQs, faz-se interessante verificar a existência de um contexto específico para a emergência da voz passiva dentro deste gênero textual.

### 7.5.1. A presença de intertextualidade tipológica

Com o objetivo de embasar a análise desenvolvida nesta seção, antes de analisar o contexto de cada oração passiva do *corpus*, faz-se necessária a verificação de HQs com intertextualidade tipológica, conceito ressaltado por Menezes (2002) acerca deste gênero. Neste caso, esta subseção tem como objetivo expor os resultados referentes à análise de quais materiais demonstraram este fenômeno, sobretudo no campo da função comunicativa didática. Para este objetivo, tem-se o gráfico abaixo.

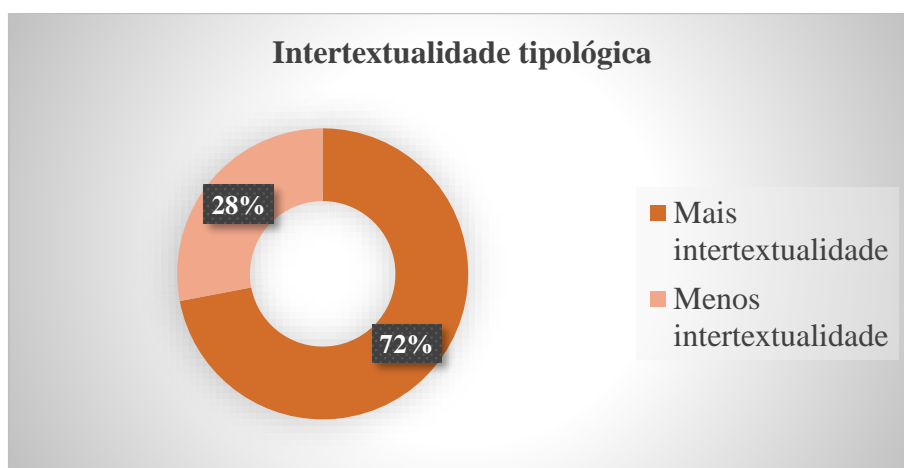


Gráfico 6 - Porcentagem de HQs com intertextualidade tipológica.

Como a figura acima demonstra, 72% (18/25) do *corpus* desta pesquisa foi composto por HQs que apresentaram intertextualidade tipológica. Ou seja, eram materiais que se utilizaram do formato dos quadrinhos com alguma outra função comunicativa. HQs como “Saiba Mais – Descobrimento do Brasil” e “Arroz Vitaminado” são exemplos de quadrinhos com intertextualidade tipológica que compuseram o *corpus* desta pesquisa. Os outros dados, que correspondem a 28% (7/25), são de HQs nas quais este fenômeno se fez menos presente na análise do material como um todo. São exemplos de revistas do nosso *corpus* que não apresentaram a função comunicativa didática e, portanto, menor intertextualidade tipológica: “Extra – Dona Morte” e “Uma Aventura no Tempo”.

### 7.5.2 O contexto mais produtivo em relação à voz passiva dentro das HQs

Como a subseção acima revelou, a intertextualidade tipológica, sobretudo a utilização das HQs com um fim comunicativo didático, fez-se bastante presente no *corpus*. Para além da função comunicativa de cada revista, faz-se necessário investigar o contexto de cada oração passiva do *corpus*, não só das orações passivas retiradas de HQs

com intertextualidade tipológica, mas também das que não demonstraram este aspecto. Vale ressaltar que a ausência da função comunicativa didática não impede que sequências textuais injuntivas ou argumentativas, por exemplo, estejam presentes dentro da HQ, tendo como base a heterogeneidade tipológica característica dos gêneros textuais da contemporaneidade.

Dentre as 99 orações passivas, notou-se que alguns destes exemplos apresentavam algumas características semelhantes:

- I. As orações passivas estavam em balões específicos, denominados “legenda” ou “recordatório” (O'NEILL, 2005). Este recurso geralmente é utilizado pelo narrador-personagem para fazer menção a fatos passados. (XAVIER, 2017)
- II. Tais cláusulas vinham após uma quebra da sequência dialogal. Ou seja, após uma série de diálogos entre os personagens, algum deles tomava o turno, ou seja, tomava a frente da narrativa.
- III. Estes exemplares estavam em contextos de transmissão de uma informação teórica sobre um determinado assunto, ou de uma sequência explicativa de um processo, ou contando uma história pessoal.

As três características apontadas acima tracejam o que denominamos “contexto propício para a voz passiva” dentro das HQs. A tabela abaixo ilustra quantas orações passivas estavam, ou não, inseridas neste contexto:

Orações passivas dentro do contexto propício	Orações passivas fora do contexto propício
69%	31%
68/99	31/99

Tabela 3 - Distribuição das orações passivas considerando o contexto propício supracitado.

Como a tabela demonstra, 68 das 99 orações demonstraram o contexto propício para a voz passiva dentro das HQs analisadas nesta pesquisa, enquanto outras 31 orações não se apresentaram neste contexto. Conforme dito anteriormente, notou-se que grande parte destas orações estão ligadas a uma explicação teórica sobre um assunto, o que é reforçado, justamente, pela intertextualidade tipológica que predominou no *corpus*, ou ainda a contação de uma história pessoal dos personagens. Ao analisar as orações, percebeu-se que a especificação do efeito explicativo pode estar ligada aos tempos verbais utilizados nas construções passivas. O gráfico abaixo demonstra dois subgrupos a partir



dos dados de voz passiva no contexto propício para seu aparecimento, levando em conta o caráter temporal ali explicitado:

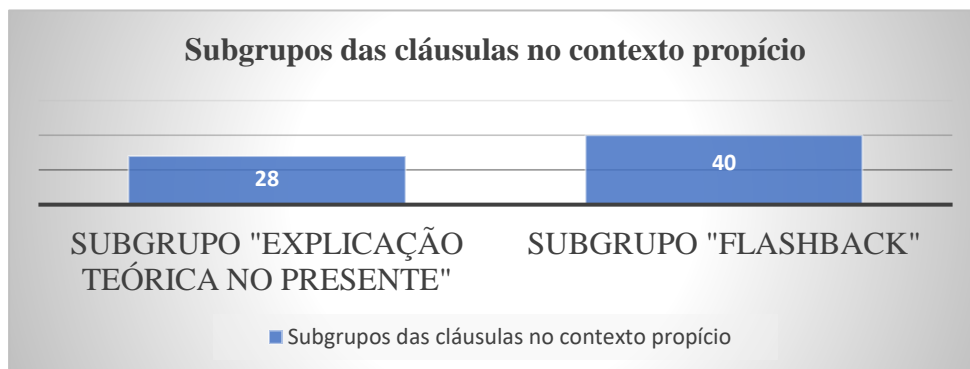


Gráfico 7 - Distribuição dos dados no contexto propício

A partir da interpretação da figura acima, nota-se que os dados levaram à construção de dois subgrupos: um subgrupo nomeado “explicação teórica no presente”, com 28 dos 68 dados, com esclarecimentos didáticos sobre algum processo descrevendo algum fato no tempo presente.

Por outro lado, tem-se o subgrupo “*flashback*” que realiza uma explicação sobre algum evento no passado ou conta alguma história de algum personagem, através de, sobretudo, tempos verbais no pretérito. Os dois subgrupos serão pormenorizados adiante:

#### 7.5.2.1. O subgrupo “explicação teórica no presente”

Composto por 28 cláusulas passivas, tanto prepostas quanto pospostas, o subgrupo “explicação teórica no presente” inclui as orações que explicam processos de maneira didática. Como os exemplos do *corpus* demonstram, os quadrinhos ilustram ou exemplificam o que está acontecendo no momento da fala dos personagens, em muitas ocasiões, para embasar o discurso destes, o que não ocorre no subgrupo “*flashback*”, que ilustra um momento anterior ao da narrativa.

Em relação às cláusulas deste subgrupo, com exceção de uma cláusula passiva, 27 dados demonstraram verbos auxiliares no presente, estando comprometidos com a função de ‘explicação teórica’.

Para exemplificar este subgrupo, duas ocorrências do *corpus* foram selecionadas:

(6) Exemplo retirado da revista “Saiba Mais – Dia das Crianças”



No quadrinho acima, tem-se a cláusula passiva “No Budismo, o Dia das Crianças é comemorado no Solstício de Inverno em dezembro”. Nesta fala, o personagem Dudu, para a surpresa de seu pai, está contando tudo sobre o Dia das Crianças ao redor do mundo e a origem da festividade no Brasil. A construção passiva traz o verbo “ser” na terceira pessoa do singular no presente do indicativo acompanhado do verbo “comemorar” em sua forma no particípio. O quadrinho retrata crianças orientais celebrando o Dia das Crianças, ilustrando a fala explicativa/didática de Dudu, não realizando um movimento de *flashback*, tal como observamos nos usos com pretérito.

(7) Exemplo retirado da revista “Mônica – 234 (2005)”



Novamente, no quadrinho acima, o elefante da Turma da Mônica, o Jotalhão, conta alguns detalhes sobre a vida destes animais. A construção passiva “as manadas (grupos de elefantes) são formadas por 40 a 50 animais” é ilustrada pela imagem de três

elefantes andando em conjunto e consiste em uma explicação didática sobre determinado comportamento desse grupo de animais. A cláusula é formada pelo verbo “ser” no presente e na terceira pessoa do plural, acompanhado pelo verbo formar em sua forma verbal do particípio. Como percebido, as imagens não regressam a narrativa a um momento passado, ao contrário, elas ilustram e reforçam aquilo que está sendo contado pelo personagem, a explicação teórica dada por ele.

#### 7.5.2.2 O subgrupo “*flashback*”

O subgrupo “*flashback*” é composto por 40 cláusulas passivas e é caracterizado por realizar explicações teóricas, esclarecer um processo ou contar fatos/eventos acerca de algo que aconteceu antes da narrativa, levando as imagens dos quadrinhos a um outro tempo, diferente daquele que os personagens estão.

Ao analisar estas cláusulas, percebeu-se que, além dessas orações passivas estarem relacionadas a um momento anterior ao da narrativa, elas são predominantemente constituídas por verbos auxiliares no pretérito. Em nossos estudos, notamos que 36/40 cláusulas do grupo *flashback* continham verbos no pretérito, enquanto 4/40 continham verbos no presente. Para esclarecer melhor o caráter de *flashback* deste subgrupo, selecionamos dois exemplos do *corpus* para uma exemplificação:

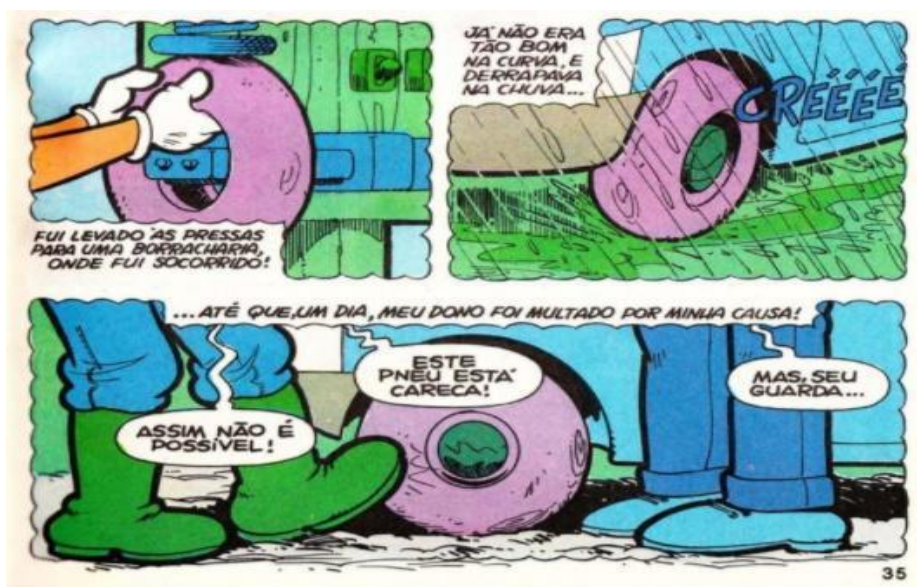
(8) Exemplo retirado da revista “Saiba Mais – Descobrimento do Brasil”



Na revista supracitada, o personagem Cascão convida o leitor a embarcar em uma grande aventura pela história do Brasil. Neste momento, há movimento de *flashback*, na medida em que todas as cenas buscam retratar o Brasil colonial e os personagens da Turma da Mônica não aparecem nos cenários mais comuns da série de HQs. A construção passiva “dois nativos foram levados para conhecer a nau de Cabral” inclui o verbo “ir” conjugado no pretérito perfeito na terceira pessoa do plural seguido pelo verbo “levar” no

particípio masculino plural, em consonância com o que predominou neste subgrupo, ou seja, cláusulas passivas com verbos no pretérito indicando *flashback*.

(9) Exemplo retirado da revista “Cebolinha – Brincadeiras”:



No exemplo acima, três ocorrências de cláusulas passivas podem ser vistas: [fui levado às pressas para uma borracharia], [onde fui socorrido] e [meu dono foi multado por minha causa]. Estas três construções são claros exemplos deste subgrupo: durante uma conversa com o Bidu, um pneu começa a ter memórias de sua vida e relembra momentos importantes de sua trajetória com o seu dono. Quando ele começa a contar essas histórias pessoais e se utiliza do recordatório como narrador-personagem, a voz passiva é utilizada três vezes dentro deste contexto de *flashback*.

Assim, podemos dizer, o uso, apesar de marcado, da voz passiva nas HQs parece possuir funções comunicativas importantes associadas ao gênero: a de ‘explicação teórica no presente’ e a de ‘*flashback*’. Ainda, notamos que as características construcionais notadamente observadas nos estudos aqui citados sobre as construções passivas SV e VS no PB também parecem constituir, obviamente, parte da construção do sentido dessas orações no contexto das HQs.

Tais achados, parte de um trabalho de iniciação científica, não de ser mais desenvolvidos e de aprofundados, se possível, em futuras pesquisas em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

## 8. Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos algumas de nossas conclusões, tendo como base as hipóteses levantadas para a construção desta pesquisa acerca de seu objetivo geral e específicos, assim como a análise dos dados propriamente dita. Em suma: o que pôde ser delineado acerca da emergência das construções passivas [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>FOC</sub> no gênero HQ, não apenas em termos construcionais, mas também em termos de funções comunicativas no âmbito textual?

Inicialmente, tivemos a primeira hipótese, levantada no capítulo 5, de que as orações passivas seriam marcadas no gênero HQ, tendo em vista a predominância da voz ativa neste gênero. A partir do *corpus* de 25 revistas de HQs, o banco de dados para este trabalho foi composto por *apenas* 99 orações passivas. Nota-se que, de fato, estamos falando de um gênero textual predominantemente dominado pela voz ativa. Ao utilizarmos o critério de “distribuição no discurso” de Givón (1984), para o conceito de marcação, nosso estudo confirma esta hipótese, visto que a voz passiva foi menos frequente do que a voz ativa nos materiais analisados. Vale ressaltar que, segundo Mendonça (2002, p. 211), as HQs buscam reproduzir a fala (geralmente a conversa informal), e segundo Givón (1984, p. 39), a voz passiva é a marcada na oralidade do dia a dia, o que também justifica a marcação da voz passiva no gênero HQ. Ademais, verificou-se um *gradiente de marcação* nos dados na medida que a voz passiva, tanto a ordem SV quanto a VS, é marcada dentro deste gênero, mas a passiva VS se demonstrou ainda mais marcada que a passiva SV.

Em seguida, foi apresentada a hipótese de que as cláusulas passivas com sujeito preposto e posposto no contexto das HQs teriam um comportamento funcional, na verdade ‘construcional’, semelhante ao que já foi exposto em estudos semelhantes sobre o PB, tais como o de Furtado da Cunha (1989), Naro e Votre (1999), Mouta Marques (2012) e Freitas e Marques (2020). Esta hipótese demonstrou ser verdadeira em vários âmbitos do nosso trabalho, que serão esclarecidos a seguir. Em nosso *corpus*, as orações passivas com sujeito preposto predominaram em detrimento das orações com sujeito posposto, comprovando o enrijecimento da ordem *sujeito-verbo-(-(complemento))* no português, como Mouta Marques (2012) já havia postulado.

Ainda no escopo das características construcionais esperadas das cláusulas passivas deste trabalho, tem-se no campo da informatividade, a questão da focalização. Enquanto o SN das cláusulas SV apresentou *status* informacional considerado “dado” em 67% das ocorrências, com caráter [+tópico]], o SN das cláusulas VS apresentou informatividade considerada “nova” em 89% dos dados do *corpus*, com maior caráter de focalização. Nossos achados reiteraram as características construcionais previstas no trabalho de Freitas e Marques (2020) sobre o aspecto de focalização de, majoritariamente, informações novas das cláusulas com sujeito posposto, enquanto as orações com sujeito preposto estão mais associadas a informações velhas/dadas (MOUTA MARQUES, 2012).

Além disso, outro aspecto construcional sobre as cláusulas passivas que instanciam as construções [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>FOC</sub>, diz respeito ao *slot* (X) da construção VS. Através das análises expostas neste, pode-se perceber a presença de 67% elementos adverbiais preenchendo a posição do *slot* X dessas cláusulas, o que reitera a constatação de Naro e Votre (1999) da grande incidência de partículas adverbiais à esquerda das cláusulas com sujeito posposto. Além disso, nossos estudos verificaram que 67% dos elementos adverbiais eram locuções adverbiais de tempo, em geral marcando datas e períodos em que determinados eventos aconteceram.

Ademais, a partir de Freitas e Marques (2020) verificou-se o caráter anafórico dos itens que preencheram o *slot* (X) da passiva VS e a sua relação com a focalização. Mesmo no caso em que a posição (X) não foi preenchida, esta foi reveladora da “estrutura informacional de foco argumental, típica de focalização exclusiva de referente” (*Op. Cit.*, p. 699). Verificou-se, também, um certo grau de anaforicidade nos adjuntos adverbiais de tempo supracitados, sendo estes os responsáveis por manter a linha temporal dos eventos descritos nas HQs. Além dessas estruturas, também se constatou a presença de anáfora, bastante prototípica, em estruturas encabeçadas por um adjunto adverbial de lugar e uma conjunção adverbial. Reiterou-se, neste trabalho, a relação existente entre o *slot* (X), a estruturação tópico-comentário e a estratégia de focalização das cláusulas.

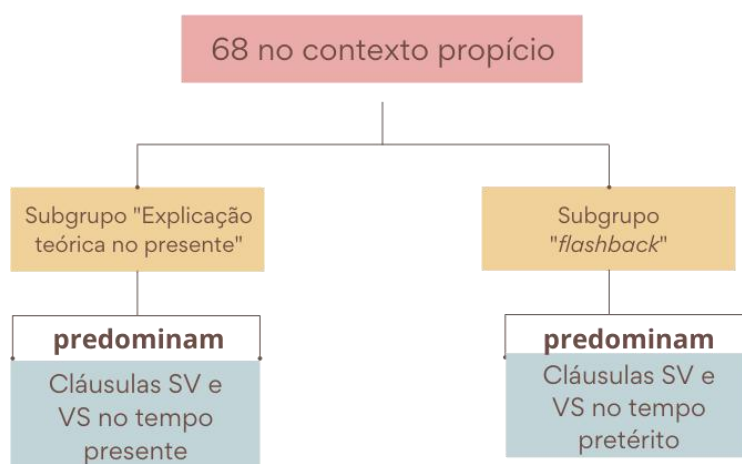
Em seguida, testamos a hipótese de que as cláusulas ligadas aos padrões [SN V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub>] e [(X) V<sub>AUX</sub> V<sub>PP</sub> SN]<sub>FOC</sub> apresentariam funcionalidades específicas dentro do gênero HQ. Primeiramente, notou-se que grande parte das cláusulas passivas do *corpus* provinha de revistas com intertextualidade tipológica, sobretudo com função comunicativa didática - 72% dos materiais do *corpus* apresentaram este fenômeno. Estes

resultados estão diretamente ligados às funcionalidades específicas que foram descobertas neste estudo. Além disso, verificou-se que 68/99 orações passivas apresentaram tendência de estarem numa parte dos quadrinhos denominada “recordatório”, ou legenda, virem após uma quebra da sequência dialogal, e buscarem transmitir uma informação teórica sobre um assunto, a explicação de algum evento, ou contar uma história pessoal.

Depois da etapa de delimitação do que foi chamado de “contexto propício para a voz passiva nas HQs”, encontramos dois subgrupos que evidenciam como esta explicação é realizada: o subgrupo “explicação teórica no presente” - com 28 cláusulas que detalham eventos, oferecem explicações acerca de processos, ou ainda contam histórias sobre fatos marcantes dos personagens, sem mover o tempo da narrativa e com a utilização de, sobretudo, verbos com tempos verbais no presente - e o grupo “*flashback*”, composto por 40 cláusulas - que, apesar de terem função comunicativa semelhante às do outro subgrupo, ou seja, de explicar processos e detalhar histórias, estão associadas a um movimento de mudança no tempo da narrativa, ou seja, a voz passiva aparece associada a um contexto temporal anterior ao do resto da história.

Claramente, pode-se estabelecer um *link* entre a grande predominância de HQs com intertextualidade tipológica e o número de cláusulas passivas que buscaram realizar algum tipo de explicação didática. Contudo, esta explicação não daria conta das histórias pessoais, por exemplo, como a do Pneu, vista na subseção 7.5.2.2. Ademais, este trabalho também encontrou uma relação interessante entre a utilização dos tempos verbais e os subgrupos, visto que o subgrupo “explicação teórica no presente” se utiliza, sobretudo, de verbos no presente, enquanto o subgrupo “feedback, de verbos no passado. Os resultados supracitados foram organizados no esquema abaixo:

## 99 cláusulas passivas no gênero HQ



Diante das informações aqui apresentadas, percebe-se a riqueza dos quadrinhos publicados no Brasil no oferecimento de informações acerca da língua portuguesa, tanto no âmbito construcional quanto no âmbito textual. Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído no fornecimento de novos subsídios para o estudo da voz passiva no PB e para os estudos do gênero HQ. Para futuros trabalhos a partir deste, espera-se a reiteração do caráter construcional das estruturas passivas aqui analisadas e a análise dos subgrupos elucidados neste, tendo como base cláusulas retiradas de outras HQs, por exemplo, e a comparação com os resultados obtidos com os quadrinhos da Turma da Mônica.



## 9. Referências bibliográficas

BERLINCK, R. **A construção VS no Português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem.** Campinas: Pontes, 1987.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** 1ª. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Verbs: aspect and causal structure.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas. *In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: Uma homenagem a Mário Martelotta.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. cap. 1, p. 13-39.*

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica,** Utrecht, 03 jun. 1985. 222-255.

FREITAS, R. J.; MARQUES, P. M. UMA VISÃO CONSTRUCIONAL DA ORDEM VERBO-SUJEITO COMO ESTRATÉGIA DE FOCALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL. **Revista Linguística,** Rio de Janeiro, v. 16, n. Especial Comemorativo, p. 680-700, Novembro 2020.

GIVON, T. **Syntax: a functional-typological introduction.** 1ª. ed. Nova Iorque: Academic Press, v. I, 1984.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure.** 1ª. ed. Chicago: University Of Chicago Press, 1995.

JACKENDOFF, R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar.** Cambridge: MIT Press, 1972.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical Constructions and Linguistic Generalizations: The What's X Doing Y? Construction. **Language (Linguistic Society of America)**, Nova Iorque, v. 75, n. 1, p. 1-33, mar. 1999.

LAMBRECHT, K. Pragmatic relations: focus. *In*: LAMBRECHT, K. **Information Structure and Sentence Form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. 1ª. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1994. cap. 5, p. 206-326.

MARCUSCHI, L. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. 1ª. ed. Recife: CEEL, v. I, 2007. cap. 3, p. 57-84.

MOUTA MARQUES, P. **ESTUDO DIACRÔNICO DA ORDENAÇÃO DO SUJEITO EM RELAÇÃO AO VERBO NO PORTUGUÊS**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 154. 2012. (Tese - Doutorado em Linguística).

O'NEILL, D. **Guia Oficial DC Comics**. 1ª. ed. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

PINHEIRO, D. Linguística Funcional-Cognitiva: Fundamentos Teóricos e Aplicação ao Ensino de Língua. *In*: FREITAS, R. D.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. D. S. **Aprendizes surdos e escritas em L2: reflexões teóricas e práticas**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: PPGLEN - Faculdade de Letras (UFRJ), 2020. cap. 1, p. 10-23.

POSTEMA, B. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**. 1ª. ed. São Paulo: Petrópolis, 2018.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, P. Tira ou tirinha?: um gênero com nome relativamente instável. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1281-1291, Set/Dez 2013.

ROSA, F. D. **Almanaque dos quadrinhos: 120 anos de histórias**. 1ª. ed. São Paulo: Discovery Publicações, 2014.

TOMASELLO, M. **The new psychology of language:** cognitive and functional approaches to language structure. 1ª. ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes.** 1ª. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

XAVIER, G. K. R. D. S. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. **Darandina**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1-20, Dezembro 2017.